



PROFHISTÓRIA

MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO STRICO SENSU –
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA – PROFHISTÓRIA**

LINDOMAR ALVES FERREIRA

**O ROCK BRASILEIRO DOS ANOS 1980 E A POSSIBILIDADE DO USO DE SUAS
LETTRAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

CAMPO GRANDE/MS
2024

<p>O ROCK BRASILEIRO DOS ANOS 1980 E A POSSIBILIDADE DO USO DE SUAS LETRAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA</p> <p>2024</p>	<p>L.A. FERREIRA</p>	<p>  PROFHISTÓRIA MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA</p> <p>UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA PROFHISTÓRIA</p> <p>LINDOMAR ALVES FERREIRA</p> <p>O ROCK BRASILEIRO DOS ANOS 1980 E A POSSIBILIDADE DO USO DE SUAS LETRAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA</p> <p>CAMPO GRANDE 2024</p>
---	--	---

LINDOMAR ALVES FERREIRA

**O ROCK BRASILEIRO DOS ANOS 1980 E A POSSIBILIDADE DO USO DE SUAS
LETROS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Dissertação apresentada à Banca de Defesa, do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Área de concentração: Ensino de História
Orientador(a): Prof. Dr. Rodrigo Bianchini Cracco

**CAMPO GRANDE/MS
2024**

F441r Ferreira, Lindomar Alves

O rock brasileiro dos anos 1980 e a possibilidade do uso de suas letras para o ensino de História na educação básica / Lindomar Alves Ferreira. – Campo Grande, MS: UEMS, 2024.

89 p.

Dissertação (Mestrado Profissional) – Ensino de História – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2024.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Bianchini Cracco

1. Ensino de História. 2. Rock nacional. 3. Música. 4. Instrumentos didáticos. 5. Recursos didáticos I. Cracco, Rodrigo Bianchini II. Título

CDD 23, ed. - 907

Elaborada pela Bibliotecária Elaine Freire Lessa – CRB-1/0699p
Biblioteca Central da UEMS

O ROCK BRASILEIRO DOS ANOS 1980 E A POSSIBILIDADE DO USO DE SUAS LETRAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA. Lindomar Alves Ferreira. 2024. **83p.** Dissertação apresentada à Banca de Defesa, do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Ensino de História. Área de concentração: Ensino de História. Orientador(a): Prof. Dr. Rodrigo Bianchini Cracco

Defendido em: _____/_____/_____

BANCA DE DEFESA

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Bianchini Cracco
(Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul)

Prof. Dr. Danilo Alves Bezerra
(Universidade Estadual do Piauí - Uespi/Parnaíba)

Professor Dr. Andrey Minin Martin
(Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul)

Professor Dr. Leandro Hecko
(Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul)

Professor Dr. Wellington Amarante Oliveira
(Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul)

*Dedico este trabalho a minha amada esposa
Grasiella, que sempre acreditou em meu
potencial e foi quem me incentivou a cursar o
Mestrado Profissional em Ensino de História
(ProfHistória).*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por me permitir viver esse momento.

À Profa. Dra. Marinete Aparecida Zacharias Rodrigues, por seu carinhoso acolhimento e pela ótima coordenação do programa.

Ao prezado professor Dr. Rodrigo Bianchini Cracco, por suas maravilhosas aulas, por suas valiosas orientações na produção desta dissertação e, em especial, por sua paciência comigo.

Ao professor Dr. Andrey Minin Martin e professor Dr. Danilo Alves Bezerra por terem aceitado o convite de participar de minha banca e por suas valiosas contribuições.

A toda a equipe de professores e parte administrativa do ProfHistória pela dedicação e profissionalismo e à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

A Bolsa CAPES pelo importante auxílio financeiro ao longo do curso.

Aos queridos colegas mestrandos pela parceria. Alguns até mesmo me recebendo hospitaleramente em suas casas para os estudos.

Às professoras Bruna Hanime e Antonia Fioravante, pelas valiosas sugestões.

RESUMO

A presente dissertação tem como objeto as letras musicais do rock brasileiro da década de 1980 e tem como objetivo principal compreender a viabilidade de sua instrumentalização didática para o ensino de História. Para tanto, traçou-se o seguinte percurso metodológico: 1) compreender e contextualizar historicamente a música, o rock e o ensino de História – e como estes se relacionam nos currículos referenciais normativos da educação brasileira; 2) Analisar as 14 letras de música, compostas na década de 1980, para serem utilizadas no ensino de História, conforme as demandas dos currículos oficiais normativos da educação, e por fim, 3) apresentar o produto final, um guia para o docente do componente curricular de História, para a utilização das letras de rock da década de 1980 em sala de aula. Como instrumentação teórico-metodológica, examina-se as composições citadas acima a partir dos pressupostos presentes nas obras do filósofo francês Paul Ricoeur (1913-2005), sobre o conceito de *hermenêutica*. Também utilizaremos a noção de *discurso* postulada por Michel Foucault (1926-1984). Considera-se a relevância da pesquisa, por meio da utilização diversa de fontes/instrumentos didáticos disponíveis e elegíveis – citados nos referenciais curriculares atuais e nas tendências metodológicas atuais. Ressalta-se, que esta pesquisa abre a possibilidade de mais estudos, para ampliar o leque – seja de períodos musicais do rock ou de gêneros musicais diversos, para o ensino de História.

Palavras-chave: Ensino de História. Rock Nacional. Música. Instrumentos Didáticos. Recursos Didáticos.

ABSTRACT

The present thesis focuses on the lyrics of Brazilian rock music from the 1980s and aims to understand the feasibility of their didactic use for teaching History. To achieve this goal, the following methodological path was outlined: 1) to comprehend and historically contextualize music, rock, and history education - and how they relate within the normative reference curricula of Brazilian education; 2) to analyze the 14 music lyrics composed in the 1980s for the usage in History teaching, in accordance with the demands of official normative education curricula; and finally, 3) to present the final product, a guide for History teachers on the utilization of 1980s rock lyrics in the classroom. The theoretical and methodological instrumentation examines the aforementioned compositions based on the assumptions present in the works of the French philosopher Paul Ricoeur (1913-2005), concerning the concept of *hermeneutics*. Additionally, the notion of *discourse* postulated by Michel Foucault (1926-1984) is utilized. The research's relevance is considered through the diverse use of available and eligible didactic sources/instruments - as cited in current curriculum references and current methodological trends. It is emphasized that this research opens the possibility for further studies to broaden the scope - whether of musical periods of rock or of various musical genres for teaching History.

Keywords: History Teaching, Brazilian Rock, Music, Didactic Instruments, Didactic Resources.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. A MÚSICA, O ENSINO DE HISTÓRIA E O ROCK AND ROLL	18
1.1. A MÚSICA NO MUNDO: UM BREVE HISTÓRICO.....	18
1.2. O GÊNERO DE ROCK E O ENSINO DE HISTÓRIA.....	20
1.2.1. Breve histórico do surgimento e desenvolvimento do rock mundial.....	21
1.2.2. O Rock brasileiro.....	27
1.3. O ENSINO DE HISTÓRIA E A MÚSICA.....	33
1.4. O ENSINO DE HISTÓRIA, A MÚSICA E O ROCK NO CURRÍCULO ESCOLAR .	37
1.4.1. A Base Nacional Curricular Comum (2017)	39
1.4.2. O Currículo de Referência de Mato Grosso do Sul: Ensino Fundamental (2019)..	41
1.4.3. O Currículo de Referência de Mato Grosso do Sul: Ensino Médio e o Novo Ensino Médio (2020)	43
2. PRINCIPAIS FATOS DA HISTÓRIA DO ROCK BRASILEIRO NA DÉCADA DE 1980 E A POSSIBILIDADE DO USO DE 14 LETRAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA.....	45
2.1. ENFIM, O ROCK BRASILEIRO DOS ANOS 1980!.....	45
2.1.1. Até Quando Esperar - Plebe Rude (1986) (6º Ano)	48
2.1.2. Índios - Legião Urbana (1986) (7º Ano).....	50
2.1.3. Um trem para as estrelas – Cazuza (1988) (7º ano).....	52
2.1.4. Homem Primata - Titãs (1986) (8ºAno)	54
2.1.5. Fábrica - Legião Urbana (1986) (8ºAno).....	56
2.1.6. Estado Violência – Titãs (1986) (8º Ano).....	58
2.1.7. Miséria e Fome - Inocentes (1988) (9º Ano)	60
2.1.8. Inútil - Ultraje a Rigor (1985) (9º Ano).....	62

2.1.9. Nome aos Bois - Titãs (1987) (9º Ano)	65
2.1.10. Alagados – Os Paralamas do Sucesso (1986) (9º Ano)	67
2.1.11. Perplexo - Os Paralamas do Sucesso (1989) (9º Ano)	69
2.1.12. Censura - Plebe Rude (1987) (3º Ano)	71
2.1.13. Alívio Imediato - Engenheiros do Hawaii (1989) (3º Ano)	73
2.1.14. Selvagem - Os Paralamas do Sucesso (1986) (3º Ano)	75
3. O USO DE LETRAS DE ROCK NO ENSINO DE HISTÓRIA: PRODUTO FINAL 76	
3.1. ORGANIZAÇÃO E SELEÇÃO DE MATERIAIS	77
3.1.1. Bibliografia auxiliar	79
3.1.2. Referencial teórico da pesquisa	80
3.1.3. Os instrumentos didáticos selecionados: as letras de rock da década de 1980	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS	86

INTRODUÇÃO

O século XX foi marcado por profundas transformações sociais, predominantemente desencadeadas por conflitos bélicos de escala global, como as Primeira e Segunda Guerras Mundiais, além de disputas ideológicas, exemplificadas pelo conflito político-ideológico entre os Estados Unidos da América e a União Soviética. No entanto, enquanto esse século se revelava como um palco para importantes mudanças geopolíticas mundiais, o mesmo vigor se observava nas grandes áreas do conhecimento científico, com a História não sendo exceção. Houve uma evolução significativa nos paradigmas e na epistemologia desta disciplina, devido ao crescente reconhecimento das insuficiências do modelo então vigente em abordar adequadamente os eventos históricos e suas implicações para a humanidade.

A escola metódica dita “positivista” do século XIX, tinha como pressuposto evitar a construção de hipóteses sem o levantamento de problematizações da realidade, buscando assim, uma neutralidade epistemológica, na qual o sujeito se neutralizava enquanto sujeito para fazer o seu objeto de destaque (Reis, 2006, p. 18). Assim, a História assentava-se na científicidade e afastava quaisquer elucubrações filosóficas a fim de se visar uma objetividade no saber histórico (Burke, 2010). O mesmo ocorria em relação ao papel fundamental das questões levantadas pelos historiadores às suas fontes, que eram negligenciadas, uma vez que a subjetividade do historiador deveria ser apagada em seu texto.

A escola metódica valorizava o estudo dos feitos singulares, principalmente os de natureza militar, político e diplomático e desprezava os fatos econômicos, sociais e culturais. Em relação às fontes, a atenção era voltada exclusivamente aos documentos escritos e aos testemunhos voluntários, como os decretos, cartas, relatórios, deixando de lado o estudo dos documentos não escritos ou testemunhos involuntários, tais como vestígios arqueológicos, séries estatísticas, entre outros (Bourdé; Martin, 2018, p. 173). Nesse ensejo, a tarefa primordial do historiador era realizar o levamento dos documentos – tarefa que na Alemanha recebeu o nome de *heurística* – haja vista a preocupação contra incêndios, perdas e demais destruições que um documento estava suscetível devido a sua materialidade. Por isso, os arquivos e museus foram os principais *locus* de atividade dos historiadores do século XIX, locais onde os documentos eram salvos, registrados e classificados, para daí serem submetidos as devidas operações analíticas (Bourdé; Martin, 2018, p. 174).

Esse viés histórico positivista só teve seus fundamentos teóricos e epistemológicos refutados pelo movimento denominado “Escola dos Annales” que surgiu na historiografia francesa, em meados 1920. Os *annalistas*, cujo núcleo era composto por Lucien Febvre, Marc

Bloch, Fernand Braudel, Georges Duby, Jacques Le Goff e Emmanuel Le Roy Ladurie, passaram a insistir numa história mais totalizante e abrangente, na história de longa duração, num enfoque em todas as atividades humanas do que aquele apenas restrito ao caráter político e também na realização de uma abordagem mais interdisciplinar da História, por intermédio do diálogo com outras disciplinas, principalmente com a geografia, psicologia, antropologia, sociologia, economia e entre outras áreas (Burke, 2010, p. 08).

Há também uma forte oposição a suposta neutralidade do historiador frente a pesquisa histórica, tal como defendida pelos metódicos. Dessa forma, para o movimento dos *Annales*, ao invés de aderir ao tradicional modelo de história narrativa, o pesquisador deveria levantar problemas e indagações que surgem no presente em direção ao passado, existindo uma fluidez que contrastará com o corte rígido entre presente e passado na produção do conhecimento histórico realizado até então. De acordo com o historiador Marc Bloch: “A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja menos vão esgotar-se em compreender o passado se nada se sabe do presente” (Bloch, 2001, p. 65). Sob essa perspectiva, Marc Bloch e Lucien Febvre – primeira geração dos *Annales* – propunham uma Nova História (*Nouvelle Histoire*) que possibilitou a ampliação do conceito de fonte histórica, proporcionando a utilização de fontes que até então não eram pesquisadas entre os historiadores, tornando-as novos objetos de estudo.

É importante enfatizar que o historiador deixou de se apagar em sua pesquisa histórica e passou a *aparecer e confessar* o seu aparato teórico e metodológico, suas fontes e seus conceitos utilizados em sua pesquisa (Reis, 2010, p. 93). Essa nova relação do historiador com sua pesquisa científica fará parte do que Michel de Certeau denominou como “operação historiográfica”. De acordo com Certeau:

Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um *lugar* (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), *procedimentos* de análise (uma disciplina) e a construção de um *texto* (uma literatura) (Certeau, 1982, p.46).

Nesse ínterim, a operação historiográfica está condicionada a uma combinação de um lugar social, de práticas científicas e também de uma escrita. Por isso que as pesquisas históricas se diferem em si, devidas suas especificidades e os variados olhares que os pesquisadores podem lançar sob um mesmo tema.

Foi a partir dessas mudanças na análise de novas fontes na história, bem como da proximidade do historiador com seu objeto de pesquisa, que pude conjecturar, desde o período

da graduação, a relação que algumas canções do rock nacional estabeleciam com o cenário político e social da década de 1980. Não posso negar também que a escolha desse gênero musical para a presente pesquisa está relacionada à minha vivência pessoal desde a tenra infância, influenciada pelos meus cinco irmãos mais velhos, que eram autênticos entusiastas do rock brasileiro.

Ao aprofundar os estudos em teoria da história e perceber as possibilidades de fontes que poderiam ser objetos de estudo no presente, surgiu em mim a vontade de me dedicar a uma pesquisa de maior envergadura do que um simples trabalho de conclusão de curso da graduação. Após oito anos de prática docente em escolas públicas e particulares, trabalhando com crianças, adolescentes e adultos na cidade de Campo Grande – MS, pude constatar a necessidade premente de adotar novas estratégias de ensino e metodologias no ensino de História.

Este reconhecimento é ainda mais crucial em uma sociedade cada vez mais permeada pela influência do meio digital. Entretanto, além da escassez de recursos materiais disponíveis na escola para tornar as aulas mais dinâmicas, percebi que os professores também enfrentam limitações no que diz respeito aos materiais de apoio presentes nos livros didáticos. No caso do uso de músicas em sala de aula na disciplina de História, muitas vezes o único recurso disponível para muitos professores e alunos da rede pública de ensino é o trabalho com as canções nos livros do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), e estas são escassas. Essa realidade foi constatada na dissertação de mestrado profissional em História de Lázaro José de Medeiros Cunha, que ao estudar a Legislação Educacional para o Ensino Fundamental II - Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e Diretrizes Nacionais Curriculares (DCN's) -, bem como o uso da música em sala de aula, constatou que o rock nacional frequentemente não foi contemplado ao longo dos capítulos dos livros didáticos de História (Cunha, 2022).

Após vivenciar essa realidade por muitos anos no ensino básico, comecei a levantar alguns questionamentos sobre como integrar o uso do rock nacional nas aulas de História, quais canções poderiam ser utilizadas e como realizar essa mediação. A necessidade de produzir um produto final ao longo do mestrado foi um incentivo que consolidou ainda mais meu interesse em contribuir com a pesquisa e a docência simultaneamente.

Nesse ensejo, a presente dissertação tem como foco as letras musicais do rock brasileiro da década de 1980 e tem como objetivo compreender a viabilidade de sua instrumentalização didática para o ensino de História. Deste modo, visa-se apresentar como tais composições podem ser articuladas aos conteúdos de História presentes nos currículos oficiais normativos,

como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e no Currículo de Referência da Rede Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul (2018).

Diversas letras de músicas produzidas por artistas brasileiros, que atuaram nos anos 1980 – e que têm essa aptidão de servirem como produções auxiliares no ensino de história – são foco de análise nesta dissertação, sendo os artistas compositores das bandas: Inocentes, Ultraje a Rigor, Titãs, Plebe Rude, Os Paralamas do Sucesso, Legião Urbana, o cantor Cazuza e Engenheiros do Hawaii.

Foram selecionadas músicas do rock brasileiro da década de 1980, que podem fornecer elementos para uma melhor compreensão dos conteúdos lecionados pelo professor de História, em seu contexto histórico e sua função referencial. As músicas elencadas auxiliarão o educador a mediar os instrumentos didáticos propostos, com os fatos históricos, as informações coletadas em seu livro didático e suas vivências.

Pontua-se que as 14 letras analisadas são relevantes para o ensino de História, tendo a possibilidade de evidenciar os fatos históricos do Brasil e do mundo, possuindo ainda o poder de denúncia, crítica e protesto, em especial contra as condições econômicas, políticas e sociais existentes. Os objetos de análise são as seguintes canções: *Até Quando Esperar* e *Censura*, da banda Plebe Rude; *Miséria e Fome*, dos Inocentes; *Inútil*, do Ultraje a Rigor; *Homem Primata*, *Estado Violência e Nome aos Bois*, dos Titãs; *Alagados, Selvagem e Perplexo*, d'Os Paralamas do Sucesso; *Fábrica e Índios* da Legião Urbana; *Um Trem Para As Estrelas*, de Cazuza e Alívio Imediato dos Engenheiros do Hawaii. As letras musicais escolhidas para análise têm a possibilidade de favorecer a compreensão de fatos históricos, destacando as bandas ou artistas solo, provenientes de diversas regiões do Brasil, que iniciaram ou desenvolveram suas carreiras nos seguintes estados brasileiros: São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Distrito Federal.

Para chegar ao cerne do trabalho, elencou-se os seguintes objetivos específicos: a) Compreender o processo histórico que levou à formação e consolidação do rock brasileiro produzido na década de 1980; b) Revelar e ressaltar a possibilidade que as letras selecionadas podem dar ao ensino de História na Educação Básica, sendo úteis como fonte para análise e compreensão de fatos e processos históricos ocorridos no Brasil durante a década de 1980; c) Analisar detalhadamente, como as mesmas letras do gênero rock brasileiro podem contribuir para traduzir fatos históricos da década de 1980 ocorridos no Brasil e no mundo, e relacionar tais letras com esses fatos, evidenciando assim a sua viabilidade como recurso pedagógico no ensino de História.

Como instrumentação teórico-metodológica, examina-se as composições citadas acima

a partir dos pressupostos presentes nas obras do filósofo francês Paul Ricoeur (1913-2005), sobre o conceito de *hermenêutica*. Também utilizaremos a noção de *discurso* postulada por Michel Foucault (1926-1984). Para Foucault a produção do discurso em toda sociedade é “controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (Foucault, 2014, p. 09). Dessa forma, o discurso também é atingido por exclusões e interdições que revelam suas ligações pelo desejo e pelo poder. Mais do que enunciados, falas ou escritas, o discurso também se desvela como uma produção da realidade social que se constitui historicamente. Para Foucault, o discurso não é neutro, mas sim carregado de intencionalidades explícitas e/ou ocultas, não sendo apenas “aquito que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar” (Foucault, 2014, p. 10).

Ainda, utilizaremos as obras *Ensino de História: Fundamentos e métodos* e *O Saber Histórico na Sala de Aula*, da educadora Circe Bittencourt, as publicações *História e Música: história cultural da música popular* e *MPB: a trilha sonora da abertura política* escritas pelo professor Marcos Napolitano, e também formulações metodológicas presentes na obra *Práticas de Pesquisa em História*, da historiadora Tânia Regina de Luca. E, para a análise das letras das músicas utilizaremos obras que tratam do rock brasileiro em geral, e também de seus artistas e bandas, tais como o registro *Dias de luta: o rock e o Brasil dos anos de 1980*, do jornalista brasileiro Ricardo Alexandre, e *Renato Russo: o trovador solitário*, de Arthur Dapieve.

A abordagem temporal desta dissertação compreenderá o período que se inicia após o fim do Ato Institucional N° 5 (AI-5), em 13/10/1978, um marco histórico que representou um momento decisivo para a flexibilização das manifestações culturais e musicais no Brasil. “Com a abertura, a cultura foi paulatinamente se livrando das amarras da censura – que ainda existia, mas em escala muito reduzida” (Villa, 2014, p. 200).

Por outro lado, a escolha do último dia da 2^a edição do festival Rock in Rio 2, em 27/01/1991, como ponto de encerramento do período analisado, também é significativa. Nesse momento, o início dos anos 1990, outros gêneros musicais começaram a ganhar um espaço maior na cobertura da mídia, resultando em uma certa redução da visibilidade do rock como manifestação cultural. O festival marcou o ápice do movimento do rock brasileiro na década de 1980 e simboliza a transição para um contexto musical onde outros estilos musicais passaram a assumir o protagonismo, relegando o rock a um papel mais secundário.

Portanto, o intervalo de tempo entre o fim do AI-5 (1978) e o encerramento do Rock in Rio 2 (1991) oferece uma janela importante para explorar e compreender as transformações, o

desenvolvimento e o contexto sociocultural do rock brasileiro na década de 1980, abrangendo desde um momento crucial de flexibilização cultural até o ponto em que o rock começou a enfrentar desafios e transformações em sua relevância no cenário musical brasileiro.

Nos primeiros anos da década de 1980, surgiram em diferentes regiões do Brasil bandas de rock expressivas, responsáveis por criar letras preciosas que podem ser utilizadas como instrumentos didáticos para o ensino de História. Essas letras auxiliam na compreensão das diversas realidades nacionais e até mesmo mundiais. Essas produções têm a possibilidade de contribuir significativamente para fomentar o ensino de História. A música pode ser uma ferramenta versátil, servindo como material didático e contribuindo significativamente para fomentar o aprendizado, como ressalta Bittencourt (2004).

As diferenças são marcantes, e disso decorrem os cuidados que o professor precisa ter para transformar, documentos em materiais didáticos. O professor traça objetivos que não visam à produção de um texto historiográfico inédito ou a uma interpretação renovada de antigos acontecimentos, com o uso de novas fontes. As fontes históricas em sala de aula são utilizadas diferentemente. Os jovens e as crianças estão aprendendo História e não dominam o contexto histórico em que o documento foi produzido, o que exige sempre a atenção ao momento propício de introduzi-lo como material didático e a escolha dos tipos adequados ao nível e às condições de escolarização dos alunos (Bittencourt, 2004, p. 329).

Trabalhar com as canções pode ser um valioso método didático no ensino de História, uma vez que o professor pode fazer a mediação entre as letras e a contextualização dos fatos. As letras, em parceria com o recurso sonoro da melodia, criam um envolvimento intelectual e emocional maior com os estudantes.

A motivação pelo tema, que vai além de ser um gosto pessoal - se justifica tendo em vista a relativa escassez de trabalhos existentes na área¹ -, especialmente os que se propuseram a analisar historicamente letras específicas compostas por artistas do rock nacional na década de 1980. Ainda mais escassas são as obras que conseguiram reunir essas análises em um único trabalho. Tais letras tem a possibilidade de ser um valiosíssimo e agradável instrumento para compreensão histórica, política e social do citado período no Brasil nas aulas de História. Como cita Napolitano (2002, p. 5), “o Brasil é, sem dúvida, uma das grandes usinas sonoras do planeta,

¹ A título de exemplo, após um levantamento bibliográfico no Banco de Dados de Teses e Dissertações (BDTD), foi possível encontrar apenas duas dissertações de mestrado que relacionavam o ensino de História com o uso do rock nacional, sendo elas: FERNANDES, Flávio Christian Lemos. *O rock nacional na década de 1980 e abertura política no Brasil: música e ensino de História no terceiro ano do ensino médio*. 2022. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-graduação em História, Mestrado Profissional em Ensino de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia – MG. CHILLES XAVIER, Fábio. *“O futuro não é mais como era antigamente”: o rock nacional e o ensino de História*. 2018. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos (Câmpus Sorocaba), Sorocaba – SP.

é um lugar privilegiado não apenas para ouvir música, mas também para pensar a música.” Chacon (1985) ressalta a contribuição que o Rock pode dar à educação, afirmando:

O que o Rock busca é esse imprevisto, esse grito, essa lágrima. Fazendo o jovem refletir sobre seus valores (a família, o sexo, a droga, o amor, o irreal) ele contribui para a formação de um homem mais livre, mais conhecedor de si próprio e, portanto mais consistente ao encarar as questões políticas *stricto sensu*, que atingem a sociedade como um todo (Chacon, 1985, p. 23).

Além disso, outra motivação para sustentar a presente pesquisa ampara-se diante dos atuais desafios enfrentados pelos professores de História na Educação Básica no Brasil, tais como: a falta de metodologias de ensino que estimulem o envolvimento dos alunos nas aulas, a ausência de conexão dos conteúdos ministrados com os interesses dos estudantes, o pouco interesse de muitos jovens pelos temas históricos e a consequente evasão escolar.

Diante disso, é plenamente possível acreditar que o rock surge como uma valiosa ferramenta aos docentes da Educação Básica, preenchendo as já citadas lacunas existentes no exercício da docência do ensino de História, auxiliando na melhoria da qualidade dos conteúdos ministrados, despertando no estudante a motivação pela descoberta ou releitura dos fatos históricos, contribuindo assim para uma abordagem mais atrativa de temas tais como a Ditadura Militar Brasileira (1964-1985), a abertura política e o processo de redemocratização. Afinal, sabe-se que a partir do momento em que o jovem estudante passa a ouvir a música e reconhece tal produção como produto cultural de sua própria sociedade, isso pode imprimir novos e indeléveis significados. Como destaca Saviani (2018),

Pode-se dizer que é justamente na medida em que o homem é formado por um certo meio, por um certo ambiente, que ele fica familiarizado com esse ambiente. Isso se verifica em relação aos mais diversos domínios: música, pintura, religião, vestimentas etc. Gosta-se mais deste ou daquele tipo de música, deste ou daquele tipo de pintura, de acordo com o grau de familiaridade que se tem com os seus valores culturais. Portanto, o homem, numa larga medida, se deixa moldar pelo meio em que se encontra. A psicologia das pessoas, o seu modo de ver as coisas, são influenciados pelo ambiente cultural. Para explicar esse fenômeno, os pensadores contemporâneos costumam se referir à historicidade, o que quer dizer que, de algum modo, o homem é resultado da História: “já que sou um corpo, forçosamente sou situado, vivo num certo meio, certa cultura; e essa historicidade influencia tudo o que faço” (Saviani, 2018, p.70).

Portanto, o rock pode colaborar para a análise mais profunda de conteúdos históricos geralmente recorrentes nos anos finais do Ensino Fundamental e Médio, tais como a Hiperinflação, as diferentes políticas econômicas, seus impactos sociais e o papel do Estado brasileiro durante a década de 1980, dentre outros. Logo, a pesquisa tem por motivo revelar o rock brasileiro não apenas como um gênero musical, mas como um recurso didático

diferenciado que pode trazer formas inovadoras de debate, analisando a História pelo prisma cultural, o que pode significar compreender importantes fatos da História Geral, especialmente de eventos recentes da História Brasileira.

Sabe-se que outros estilos musicais em voga entre os jovens atualmente (como o funk e o sertanejo, por exemplo) de modo geral, atrairiam mais a atenção dos estudantes, porém, a maioria de suas letras não fazem referência a períodos, processos ou fatos históricos, portanto, não seriam relevantes para esse tipo de análise.

A presente pesquisa divide-se em três capítulos. O primeiro capítulo, intitulado *A música, o ensino de História e o Rock'n'roll*, consiste em uma abordagem histórica sobre a música com manifestação cultural ao longo dos séculos, e análise sobre sua função e educativa. Propõe-se uma perspectiva histórica do surgimento e da consolidação do gênero rock no mundo.

No segundo capítulo, *Principais fatos da história do rock brasileiro na década de 1980 e a possibilidade do uso de 14 letras para o Ensino de História na Educação Básica brasileira*, analisaremos as canções supramencionadas sob a égide do ensino de História. Também evidenciamos o contexto histórico brasileiro durante a década de 1980, marcado pela reabertura política pós-Ditadura.

Por fim, o terceiro e último capítulo consiste na *Apresentação do Produto*, neste caso, um guia destinado a docentes de História da Educação Básica, com o intuito de sugerir a utilização de 14 letras de músicas do rock brasileiro, dos anos 1980, como ferramenta pedagógica. Tal material didático pretende contribuir para melhoria da prática docente do profissional de História atuante na Educação Básica.

1. A MÚSICA, O ENSINO DE HISTÓRIA E O ROCK AND ROLL

Neste capítulo, buscou-se compreender e contextualizar historicamente a música, o rock e o ensino de História – e como estes se relacionam nos currículos referenciais normativos da educação brasileira.

1.1. A MÚSICA NO MUNDO: UM BREVE HISTÓRICO

Há indícios de que desde a Pré-História, nossos ancestrais descobriram que podiam produzir sons por meio da voz e de objetos, como pedras, troncos ocos, ossos de animais, entre outros. Carvalho e Scavarda (2014) mencionam que foram encontrados artefatos, como flautas feitas de ossos de aves ou esculpidas em marfim de mamute, datando de cerca de 35.000 anos. Essas descobertas evidenciam a existência de uma produção musical intencional, destinada a diversas situações socioculturais. Esses primeiros sons musicais estavam intimamente ligados a rituais religiosos, práticas de cura, celebrações comunitárias e expressões emocionais.

De acordo com Candé (1994, p. 44), desde o início da humanidade, a música desempenha um papel fundamental na vida do ser humano, percorrendo caminhos religiosos, sociais, políticos e também educativos. Portanto, diversos sons foram criados a partir de imitações sonoras da natureza, como o canto de pássaros, trovões, vento, entre outros, iniciando assim as primeiras noções de "canto" e variações sonoras.

Conforme mencionado por Levitin (2021), a presença da música é universal, e não temos conhecimento de nenhuma cultura humana, tanto no presente quanto no passado, que desconheça completamente essa forma de expressão.

Saldanha (2013) menciona que, após vivenciar momentos históricos e culturais, a grande transformação acerca da percepção musical teve início com o surgimento e popularização do rádio no século XX. Com o avanço dos suportes tecnológicos e as divulgações musicais, o campo artístico abriu espaço para a linguagem musical, permitindo que cantores e compositores projetassem ritmos e estilos culturais de forma universalizada.

Diante de um mundo contemporâneo, Kerr (2011) expressa que:

Da arte musical verifica-se que há de todos os jeitos, estilos, em todos os volumes, mas quase sempre soando em alturas tonitruantes, invasivas, em espaços públicos ou em qualquer outro recanto. Músicas sem fim atrapalhando as convivências sociais ou os momentos de puro deleite na contemplação de uma paisagem (Kerr, 2011, p.56).

Nesse sentido, a música está presente em grande parte das manifestações de criatividade

humana, representando formas de expressão e descoberta do mundo por meio de gestos, formas, palavras e sons.

A arte musical é reconhecida como uma das linguagens mais significativas e revolucionárias que marcou a transição do século XIX para o século XX, buscando abordagens inovadoras para a modernização artística. Essa revolução desencadeou extensos estudos musicológicos, voltados à preservação de grandes obras históricas ligadas à música ocidental, buscando uma nova apreciação das expressões sonoras (Kerr, 2011).

Após a Revolução Industrial (século XVIII), as primeiras oportunidades de domínio da linguagem musical surgiram com a invenção do rádio e da gravação. Isso possibilitou a produção em massa da música, alcançando volumes e distâncias que a voz humana jamais alcançaria e tornando-a muito poderosa. Posteriormente, contribuindo para essa difusão da música mundial surgiram o Disco de Vinil (Long Play - LP), *Compact Disc* (CD), o *MPEG- 1 Layer 3* (MP3), e muitos outros formatos para registros musicais.

A partir desse contexto, houve uma busca por conceitos relevantes relacionados à arte musical, levando os pesquisadores a aprofundarem suas ideias diante das influências culturais. Isso resultou em transformações afetadas pelas mudanças sociais, econômicas, tecnológicas e científicas, tornando fundamental uma mudança de pensamento universalizada. Nesse sentido, Cruvinel (2005) aponta que,

A música como veículo de história, mitos e lendas, contribuindo para a continuidade cultural, utilizada na educação, auxilia no controle dos membros “desviantes” da sociedade, ou seja, ensinando à sociedade o que é certo contribuindo para a estabilidade cultural; e no cultivo de indivíduos, transmitindo ensinamentos sobre o ambiente natural e seus valores do grupo, no sentido de dar continuidade à cultura (Cruvinel, 2005, p.54).

Diante disso, a música está inserida na sociedade como um elemento cultural fundamental para a transformação do ser humano, relevante na composição social, promotora de união coletiva e formativa. Segundo Cabeças (2010, p.47), “a música é atraente, envolvente e com o poder de elevar a autoestima, desenvolvendo a concentração, estando presente em todas as culturas e situações, sendo elemento transformador de conhecimento e aprendizagem”.

Dessa forma, a linguagem musical está organizada a partir do desenvolvimento do aprendizado e conhecimento sonoro, incluindo ritmos, sons, altura e reconhecimento de tons. Por tal linguagem carregar em seu bojo tais elementos, uso da música na educação pode ampliar de maneira inovadora a compreensão do mundo em que vivemos, possibilitando o estímulo do pensamento criativo e reflexivo do educando.

Refletir sobre os parâmetros históricos do historiador no processo de criação musical traz consigo uma complexidade de desafios em torno dessa nova linguagem cultural. Desenvolvem-se abordagens que transitam entre a música popular e a cultura erudita, como complementa Napolitano (2005, p.76): “o pensamento historiográfico que emerge em torno dela é que podemos redefinir a relação da música com a história”, logo, possibilitando um novo campo de articulação entre a cultura e o saber histórico. Moraes (1983) cita que,

Como a música é, entre outras coisas, uma forma de representar o mundo, de relacionar-se com ele e de concretizar novos mundos, não há por que não abordá-la por um prisma que seja elástico o suficiente a fim de que estejam presentes no momento do seu exame tanto um eventual percurso histórico de certo fenômeno quanto a sua própria fisionomia enquanto objeto particular. Partindo-se desse pressuposto é possível, uma vez mais, radicalizar. Desta maneira: em música, aquilo que chamamos de passado passa a existir apenas em função de um presente desestabilizador, fluido ponto de encontro que nos remete ao que ainda não ouvimos, ao que ainda não conhecemos (Moraes, 1983, p. 84).

Nota-se que o trabalho com canções oferece um valioso material para o professor de História perceber a relação que os estudantes estabelecem não apenas com uma contagiente melodia, mas também entre as informações contidas nas letras das músicas e as informações ministradas por ele. Isso ocorre porque o recurso sonoro cria um maior envolvimento dos alunos. Como cita a professora Katia Abud (2003),

Expressões que se tornaram já lugares comuns, como “uma imagem vale mais que mil palavras” dão segurança a professores, que são auxiliados pela existência, nas escolas, de retroprojetores, aparelhos de televisão, projetores de vídeo e outros instrumentos. A expressão não é vazia e nem carece de fundamento, pois estudos sobre o tema asseguram que os dados provenientes da visão e audição correspondem a 50% do que é retido pelos alunos. Audição e visão são também responsáveis pela retenção mais duradoura daquilo que os alunos aprendem (Abud, 2003, p. 188).

Mas, dentro do vasto universo musical mundial, há uma infinidade de gêneros e estilos que se destacaram ao longo da História, cada um com suas particularidades e influências. No entanto, optamos por analisar uma manifestação artística e sonora que transcendeu barreiras e se tornou uma poderosa expressão cultural em diferentes partes do mundo – o *Rock and roll*.

1.2. O GÊNERO DE ROCK E O ENSINO DE HISTÓRIA

Dentre os vários estilos musicais existentes, optou-se por abordar nesta dissertação o gênero rock, em especial o rock produzido no Brasil durante os anos 1980. Essa escolha se

baseia na motivação de revelar o rock brasileiro não apenas como mais um gênero musical, mas como um recurso didático que pode tornar o ensino mais dinâmico e diferenciado. Através dessa pesquisa, buscou-se trazer formas inovadoras de debate e análise da História, sob uma perspectiva cultural, o que nos permite compreender importantes eventos, tanto da História Geral, quanto da História do Brasil. Como lembra a professora Circe Bittencourt:

O professor de História pode ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias; o saber fazer, o saber fazer bem, lançar os germes do histórico. Ele é responsável por ensinar o aluno a captar e a valorizar a diversidade dos pontos de vistas. Ao professor cabe ensinar o aluno a levantar problemas e a reintegrá-los num conjunto mais vasto de outros problemas, procurando transformar, em cada aula de História, temas em problemática (Bittencourt, 2012, p. 57).

Naturalmente, não se trata de advogar que os compositores das músicas analisadas tiveram o intuito de criá-las com a intenção primária de que fossem instrumentos pedagógicos para serem utilizados nas escolas. Mas, muitas delas, devido seu valioso conteúdo, possuem elementos que as tornam um recurso didático em inovador, como cita Ferreira (2002):

a música não é desenvolvida para uma determinada atividade proposta, mas sim uma atividade proposta faz uso dos recursos que cada música pode oferecer em cada caso. É um trabalho fundamentado em analogias e isso não compromete nem a composição musical nem as matérias a serem ensinadas (Ferreira, 2002, p. 12).

Mas como podemos definir o rock? Como surgiu esse gênero musical? É o que analisaremos a seguir.

1.2.1. Breve histórico do surgimento e desenvolvimento do rock mundial

Afinal, o que é Rock? O que rotineiramente chamados de *Rock*, deriva da expressão *Rock and roll* (ou *Rock'n'roll*). Essa expressão já era utilizada desde o início do século XX por negros norte-americanos para referir-se à ação de dançar ou até mesmo ao ato sexual. Mas, como e quando o gênero musical que hoje chamamos de *Rock* surgiu? O fato é que estilos já executados na década 1940 e início dos anos 1950 nos Estados Unidos da América (EUA), como por exemplo o *Country* e o *Pop*, mostravam elementos do que se tornaria o *Rock and roll*. Foi no ano de 1951 que pela primeira vez tal termo foi utilizado pelo disc-jockey estadunidense, Alan Freed, para nomear um gênero musical.

Grosso modo, o *Rock and Roll* foi um gênero musical que se manifestou nos Estados Unidos e que se consolidou em meados dos anos 1950, tendo como algumas de suas principais influências o *Blues*, o *Country*, o *Jazz*, o *Folk*, a música *Gospel*, bem como ritmos africanos, o

que para muitos era uma mistura com resultados preocupantes. “Foram os ritmos africanos latentes no rock que assustaram as famílias brancas suburbanas, talvez temerosas de que a batida induziria um transe permanente e perturbador em seus filhos inocentes.” (Levitin, 2010, p. 22).

Mas, em que momento o *Rock and Roll* surgiu? É impossível citar uma data exata que seja, uma espécie de marco zero para o aparecimento desse gênero musical? Bem, muitos estudiosos preferem não definir uma data específica para o início do rock, afirmando, por exemplo que: “O rock’n’roll não tem começo nem fim. O que há são rios de criatividade, fluindo, se misturando, gerando novos sons e estilos” (Hewitt, 2013, p. 8). Por outro lado, Mugnaini Jr. prefere afirmar que:

A chamada Era do Rock começou precisamente em 9 de julho de 1955, quando “Rock Around the Clock”, com Bill Haley, começou seu reinado de oito semanas no primeiro lugar da Billboard, ou seja, quando todos os EUA e, por tabela, o mundo ficaram sabendo da existência desse tal rock ‘n’ roll. Também é verdade que tal gênero musical ganhou o nome “rock ‘n’ roll” por cortesia do DJ norte-americano Alan Freed (1922/1965), que, empolgado com o ritmo, promovia programas de rádio e bailes chamados “Moondog Rock ‘n’ Roll Parties” desde 1952 (Mugnaini Jr, 2007, p 17).

Portanto, podemos chamar de rock todas as variações desse gênero musical que vieram em especial depois da segunda metade da década de 1950. A expressão rock será a mais utilizada nessa dissertação para designar o gênero musical foco dessa análise.

É importante ressaltar que o gênero rock se diferencia dos demais estilos musicais por possuir em sua essência características próprias. Entre elas, destacam-se o ritmo estimulante, contagiate e eletrizante, a energia e intensidade nas performances ao vivo, que estabelecem uma relação intensa com a plateia. Além disso, o rock se caracteriza pela presença marcante de guitarra, baixo e bateria, pelos solos de guitarra, pelo uso de distorções e efeitos sonoros. Suas letras abordam temas como amor, rebeldia, política, contestação, sociedade, entre outros. A diversidade de subgêneros também é uma característica marcante do rock, incluindo o rock clássico, hard rock, heavy metal, punk rock, grunge, entre outros. Chacon (1982) aborda seus atributos com os seguintes argumentos:

Vamos partir do concreto que a definição que procuramos vai surgir normalmente. Por exemplo: parece difícil negar que *Rock around the clock* de Bill Haley and his Comets seja rock. O mesmo se pode dizer de *Jailhouse rock* com Elvis Presley, *Johnny B. Goode* de Chuck Berry, *Help!* dos Beatles, *Satisfaction* dos Rolling Stones e muitas outras. Por quê? Poderíamos argumentar que esses clássicos têm o dom de agitar as platéias, que não resistem em suas cadeiras, e fazem o mais rígido dos jovens se contaminar pelas notas que parecem penetrar pelas veias e artérias e põem o sangue para borbulhar. O caro ouvinte (você por exemplo), irremediavelmente comprometido

com o clima, se vê obrigado a dançar e cantar, como no antológico *Twist and shout* (Medley e Russell) que os Beatles imortalizaram. Para entender o rock é necessário não perder isso de vista. Ao contrário da música erudita, que exige o silêncio e o bom comportamento da platéia (imagine o papel ridículo de alguém que se levantasse em pleno Teatro Municipal para alcançar o tom de uma cantora de ópera ou gesticulasse como o maestro), o rock pressupõe a troca, ou melhor, a integração do conjunto ou do vocalista com o público, procurando estimulá-lo a sair de sua convencional passividade perante os fatos (Chacon, 1982, p. 7).

Outra inovação trazida pelo rock foi no aspecto técnico – sendo o estilo pioneiro a utilizar instrumentos elétricos ao invés de acústicos. Sobre esse novo elemento, Eric Hobsbawm (1917-2012) cita que:

Não se pode negar; no entanto, que o rock foi a primeira música a usar sistematicamente instrumentos elétricos em lugar de instrumentos acústicos e a se valer da tecnologia eletrônica não apenas para efeitos especiais, mas para o repertório normal aceito pelo público de massa. Foi a primeira música a fazer dos técnicos de som e profissionais de estúdio parceiros em termos equalitários na criação de um número musical, principalmente porque a incompetência dos artistas de rock era geralmente de tamanhas proporções que não se poderiam produzir gravações ou mesmo apresentações de outra maneira. É claro que tais inovações não poderiam deixar de influenciar músicos de talento e originalidade genuínos (Hobsbawm, 1990, p. 20).

Com uma sonoridade moderna e mais dançante o rock caiu no gosto popular. Em 1955, o jovem motorista de caminhão, Elvis Presley (1935-1977) se apresenta na TV e sua aparição obtém ótimos índices de audiência. Elvis era um cantor branco com uma voz influenciada pelo estilo negro, emergiu em uma sociedade segregada nos Estados Unidos durante os anos 1950. Sua música e sua presença no cenário musical desafiaram as convenções sociais da época, proporcionando um novo horizonte cultural e musical. Também em 1955, Chuck Berry (1926-2017) grava *Maybellene*, e três anos depois *Johnny B. Goode*, imortalizada décadas mais tarde no filme *De volta para o Futuro* (1985). Na clássica cena, o personagem Marty McFly (Michael J. Fox) interpreta a inédita canção no retratado ano de 1955 e choca a plateia com sua performance. Berry se torna, a partir da segunda metade da década, um dos grandes astros desse novo estilo musical, classificado por muitos como “o pai do rock and roll”.

Da mesma forma, o cantor oriundo de Michigan, Bill Haley (1925-1981) e seu conjunto Bill Haley & His Comets ganharam fama depois que a música: *Rock Around the Clock* entrou para a trilha sonora do filme: *Blackboard Jungle (Sementes da Violência)*, lançado nos EUA em março de 1955. Posteriormente a película: *Ao Balanço das Horas*, de 1956, também contribuiu para o sucesso do conjunto. Graças a popularidade desses filmes a canção: *Rock Around the Clock* estourou e ficou um bom tempo no topo das paradas. O já citado filme: *Blackboard Jungle (Sementes da Violência)* foi lançado na Inglaterra o que contribuiu para levar o contagiante estilo Rock and roll para lá e também para outros cantos do mundo – tais

como o Brasil. Tanto que a banda Bill Haley & His Comets adquiriu fama internacional suficiente para realizar apresentações em várias casas de espetáculo do planeta, inclusive na cidade de São Paulo entre os dias 20 e 27 de abril de 1958.

Os anos 1960 foram uma década de grandes mudanças, agitações sociais e políticas. O rock and roll desempenhou um papel importante nesses movimentos. Durante esse período o rock passa por uma evolução e diversificação. Surgem subgêneros como o rock psicodélico, com bandas como: Pink Floyd, The Doors, e o chamado “rock de garagem”. Algumas das bandas e artistas mais proeminentes do rock and roll dos anos 1960 incluem os Beatles.

Os Beatles são uma das bandas mais populares e influentes de todos os tempos. Eles foram formados em Liverpool, Inglaterra, em 1960, e rapidamente se tornaram um fenômeno global. Ficaram conhecidos por suas melodias cativantes, letras inteligentes e performances energéticas, levando os fãs – em especial garotas adolescentes - ao delírio. Em sua tese, Maria Tereza Jorgens Bertoldi aborda o fenômeno que ficou conhecido como beatlemania, afirmando que:

Em 1967, a imagem criada pelos Beatles estendeu o grande êxtase coletivo do psicodelismo a toda uma geração, aos acordes de *Lucy in the Sky With Diamonds* – LSD. Em contrapartida, a imagem desses quatro ingleses chegou literalmente ao seu mais alto astral, em 25 de junho de 1967, quando, num programa multinacional inaugurando as transmissões de TV via satélite, cantaram para uma audiência de 200 milhões de pessoas *All You Need Is Love* com seu refrão insistente e confiante (amor, amor, amor/ tudo o que você precisa é de amor) (Bertoldi, p. 335, 2009).

Eles tiveram um papel fundamental na disseminação do rock and roll globalmente, sendo reconhecida como a banda com o maior número de discos vendidos na história, estimando-se que venderam mais de 300 milhões de cópias. Destaque também para o conteúdo político contido em canções como *Revolution*, lançada em 1968. Composição de John Lennon, a letra induz o ouvinte à uma reflexão sobre a Guerra do Vietnã (1959-1975), e o incentiva a se revolucionar.

Além dos Beatles, bandas como Rolling Stones e o cantor Bob Dylan, ganham destaque como grandes influenciadores e impulsionadores do gênero. Pereira (1986), confirma tal fato citando que:

Há três nomes que iniciaram, pelo menos em suas grandes linhas, esta verdadeira revolução cultural que a música rock dos anos 60 sintetiza, constituindo-se, assim, em referências obrigatórias para quem quiser evocar o “espírito” desta época. São eles: Os Beatles, Bob Dylan e os Rolling Stones. De ambos os lados do Atlântico, o trabalho destas pessoas abria novos caminhos para a música. Mas, além disso, elas eram capazes, principalmente, de encarnar a revolta e as aspirações de toda uma juventude rebelde que via na aliança entre Arte, comportamento e contestação uma nova

possibilidade de expressão e sustentação de sua identidade (Pereira, 1986, p.44/45).

Tais artistas contribuíram significativamente para promover o movimento da contracultura, que teve um impacto significativo na sociedade americana e mundial.

Outra banda com enorme impacto no rock mundial é a Rolling Stones. Eles são conhecidos por terem o som mais duro e sombrio do que os Beatles, e suas letras muitas vezes tratam de temas como sexo, drogas e rebeldia. Os Rolling Stones são uma das bandas mais bem-sucedidas da história, e estão em atividade até os dias de hoje. Dentre os grandes festivais de rock pelo mundo na década de 1960, destacam-se o Monterey Pop Festival, o Festival de Woodstock, o Festival de Altamont e o Festival de Wight.

O Monterey Pop Festival, realizado em 1967, na Califórnia (EUA) foi um marco na história do rock, apresentando performances lendárias de Jimi Hendrix, Janis Joplin e The Who; que é considerado o precursor do movimento hippie, reunindo cerca de 200 mil pessoas. Nos dias 15, 16 e 17 de agosto de 1969, aproximadamente 450 mil jovens se reuniram em uma celebração de paz, amor e música: o Festival de Woodstock. As estradas que levavam à fazenda Woodstock ficaram completamente congestionadas, resultando no maior engarrafamento já registrado na história de Nova York. A importância desse evento vai além da música, pois marcou o encerramento de uma década em que os jovens americanos conviveram com a Guerra do Vietnã (1959-1975) e desafiaram os valores da sociedade. O protesto era feito por meio de flores (para indicar uma ideologia da não-violência), música e drogas, e a influência de Woodstock se estendeu para a década seguinte, quebrando uma série de tabus e preconceitos da conservadora sociedade norte-americana.

Pouco depois de Woodstock, vieram dois outros grandes festivais que merecem serem lembrados. O Festival de Altamont, que foi em 6 de dezembro de 1969, no autódromo de Altamont, na Califórnia, e reuniu cerca de 300 mil pessoas. Nele se apresentaram Santana, The Flying Burrito Brothers, Crosby, Stills, Nash & Young, Jefferson Airplane e The Rolling Stones. O festival reuniu um expressivo número de fãs, mas também entrou para a história por uma série de incidentes violentos, o mais grave deles durante a apresentação dos Stones, quando Meredith Hunter, um homem negro, foi esfaqueado até a morte.

Realizada nos dias 26 a 30 de agosto de 1970, o Festival da Ilha de Wight, no Reino Unido, segundo o *Guinness Book*, o livro dos recordes, teve uma plateia de 600 mil pessoas. Cerca de cinquenta artistas se apresentaram, incluindo The Doors, Emerson Lake & Palmer, Jethro Tull, Joni Mitchell, Supertramp, Moody Blues, Miles Davis, Procol Harum, Joan Baez,

Jimi Hendrix, Leonard Cohen, Chicago e o brasileiro *Gilberto Gil*, na época exilado em Londres.

A partir da década de 1970, o rock passou a ser o gênero musical mais popular do mundo. Muitos grupos surgiram nessa época tentando reinventar o que já existia e explorando também novas sonoridades. Nos anos 70, surgiram subgêneros como o punk rock, o hard rock e o heavy metal. A década de 70 foi uma época de grande criatividade e experimentação no rock, com muitos artistas produzindo álbuns clássicos que ainda são ouvidos hoje em dia.

Iniciando sua carreira ainda na década de 1960 no *underground* londrino, mas deixando sua marca indelével nos anos 70, os ingleses do Pink Floyd produziram discos memoráveis para época, não só por seu conteúdo musical, mas também por suas icônicas e polêmicas capas de discos. Com letras filosóficas e shows com uma produção gigantesca e impecável. O baixista e principal letrista da banda, Roger Waters, perdeu seu pai na Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945), e seu avô na Primeira (1914 - 1918), fatos que marcaram sua vida e passaram a influenciar o perfil de suas composições. É notável o valor das letras produzidas pelo conjunto como instrumento para compreensão de processos históricos, tais como o Capitalismo. Por exemplo, no álbum *The Dark Side of The Moon*, de 1973, a letra de *Money*, traz um crítica ao capitalismo e a ganância promovida por ele, posição evidenciada na frase: "*Dinheiro é um crime, dividam com justiça, mas não peguem um pedaço do meu*". Também no álbum *Animals*, de 1977, inspirado, em partes, pela obra *Revolução dos Bichos*, de George Orwell (1903-1950), a canção *Dogs*, representa o contemporâneo e cruel mundo dos negócios e a sua competitividade agressiva, sem piedade, que retira a individualidade dos homens. Além da forte condenação ao modelo de sistema educacional autoritário e homogeneizador, contida na letra de *Another Brick In The Wall*, do disco *The Wall*, de 1979.

Outro conjunto que teve sua formação ainda nos anos 60, mas ganhou maior notoriedade durante a década seguinte, na linha do *heavy metal*, foi a banda Black Sabbath.

Não seria possível abordar os anos 1970 sem falar de uma das bandas que se tornaria uma das mais populares e influentes do rock – Queen. A banda realizou sua estreia no palco em 1970 e, ao longo da década, conquistou a preferência do público com músicas como "Love of My Life" e "Bohemian Rhapsody". Eles encantaram os fãs brasileiros durante a primeira edição do Rock in Rio em 1985 e mais tarde participaram do concerto beneficente Live Aid, realizado em julho do mesmo ano, com o propósito de arrecadar fundos para combater a fome na África, especialmente na Etiópia.

O inglês David Bowie (1947-2016), também começou na década de 1960, mas veio a

fazer sucesso na década seguinte, com um estilo andrógino, foi classificado como o camaleão do rock. O *punk* também incentivava uma estética mais despreocupada, o famoso "faça você mesmo". Mais importante do que ser um bom cantor, ou um bom músico, era ter atitude. Com essa filosofia de vida, de revolta contra o sistema e apelando para o improviso surgiram bandas como: Ramones, The Clash e Sex Pistols. Tais grupos influenciaram muitos jovens pelo mundo a criarem suas próprias "bandas de garagem". Led Zeppelin, AC/DC, Aerosmith também são bandas muito expressivas da década de 1970 e não podem deixar de ser mencionadas. Todos esses artistas e bandas produziram obras que questionaram os padrões estabelecidos de sua época, utilizando o rock como sua ferramenta de contestação. Suas obras tiveram influência na música brasileira, que será explanada a seguir.

1.2.2. O Rock brasileiro

O primeiro registro de rock no Brasil foi lançado em novembro de 1955 e, surpreendentemente, por uma cantora de samba, a artista Nora Ney. A já citada e famosa canção *Rock Around the Clock*, na sua versão tupiniquim foi batizada de *Ronda das Horas*.

A gravadora Continental lança no mercado um disco 78rpm contendo "Ronda das Horas", cantada por Nora Ney. É a primeira gravação de rock'n roll feita por brasileiro. A "Revista do Rádio", que tinha grande circulação nacional, na sua edição de 19/11 (nº 323) escreve: "A surpresa, outro dia, no programa César de Alencar (Rádio Nacional) foi Nora Ney cantando em inglês uma melodia que estava sendo lançada num filme." A mesma revista, no número seguinte, mostra uma parada de discos mais vendidos, na qual a gravação de Nora já é a 1a colocada, suplantando "Farinhada" com Ivon Cury e "Canção do Rouxinol" com Cauby Peixoto, entre outras. Em dezembro, "Ronda das Horas" era gravada em português por Heleninha Silveira (RCA Victor), numa versão de Júlio Nagib. Nessa época não se tinha idéia do que era o rock'n roll. Pensava-se que fosse uma espécie de boogie, um modismo passageiro; tanto que os locutores anunciam tais gravações dizendo o nome do ritmo: fox-trot (Pavão, 1989, p. 22).

Cerca de dois anos após a gravação de: *Ronda das Horas*, Cauby Peixoto grava a música: *Rock n' Roll em Copacabana*, considerada a primeira canção de rock em língua portuguesa. A partir daí, outros artistas, passaram a também regravar músicas americanas e em português, como, por exemplo, Agostinho dos Santos com: *Até Logo, Jacaré* (versão de *See You Later Alligator*), e Carlos Gonzaga com: *O Meu Fingimento* (adaptação brasileira da canção *The Great Pretender*).

André Diniz e Diogo Cunha (2014, p. 83), mencionam que "o rock brasileiro desse período vivia principalmente de versões. O cantor Sérgio Murilo foi eleito o Rei do Rock pelo registro de versões para músicas americanas". Pavão (1989), expõe os fatos da época da

seguinte maneira:

Existem diversas opiniões sobre a real significância do rock feito no Brasil nesses anos. Alguns dizem que apenas copiava-se o que era feito no exterior. Outros, que houve mérito de se criar um “iê” nacional. Os dois lados não deixam de ter alguma razão, mas apesar das críticas recebidas ao longo do tempo, o rock “made in Brazil!” não deixou de dar sua contribuição em vários aspectos (Pavão, 1989, p.1º)

A paulistana Celly Campello (1942-2003) também foi uma das pioneiras do rock brasileiro e sua música ajudou a popularizar o gênero no país. Entre 1958 e 1960, Celly grava sucessos tais como: *Banho de Lua* e *Estúpido Cupido*, este último ajudando-a a chegar a casa de 120 mil cópias vendidas.

Programas de rádio e TV, como: o "Clube do Rock" na TV Tupi, sob a liderança do apresentador Carlos Imperial, contribuíram grandemente para a popularização do gênero *rock n'roll* no Brasil. Imperial foi o responsável por promover o cantor capixaba **Roberto Carlos** como o “Elvis Presley Brasileiro”. Roberto tinha simpatia pelo *rock* e cantava com o estilo parecido o de Elvis. Ao lado de Erasmo Carlos e Wanderléa, o cantor tornou-se um dos principais personagens da Jovem Guarda, movimento cultural surgido em meados da década de 1960, que contribuiu para influenciar a futura geração do rock dos anos 1980. Nesse sentido, Pavão (1989) esclarece que:

No Brasil, o rock comportamento teve muita importância durante todo o tempo, embora o rock música não mostrasse a mesma repercussão, pois não teve o apoio dos principais veículos de comunicação no período 1955-65, que mostravam clara e óbvia preferência pela bossa nova. Todavia, este fato não diminui a importância que o rock brasileiro na realidade teve, no sentido de desaguar no enorme sucesso do movimento Jovem Guarda e, por tabela, gerar como descendentes, tanto uma música pop infantil, como um chamado rock-Brasil, que no final destes anos 80 comandam as vendagens de discos e preferência popular, dentro do panorama musical brasileiro (pavão, 1989, p.19)

Desta forma, nota-se que o surgimento do rock no Brasil foi um processo gradual, uma construção com o envolvimento de um coletivo de artistas, passando por inúmeras transformações e contribuindo para a construção da identidade cultural do país.

Conhecida por seu som inovador e experimental, que combina elementos de rock, psicodelia e música eletrônica, formada originalmente em São Paulo em 1966, e batizada com outros nomes, Os Mutantes são considerados uma das bandas mais importantes da história do rock brasileiro, e sua influência pode ser ouvida em bandas como: Os Novos Baianos e O Terço. O nome Os Mutantes foi sugestão do cantor e apresentador Ronnie Von. Destaque para a participação no grupo do baixista Liminha, que integra a equipe até 1969. Liminha torna-se posteriormente um dos mais respeitados produtores musicais do rock nacional da década de

1980.

Muito influenciado por Elvis Presley, e gravando seu primeiro disco em 1967 com o grupo Raulzito e Os Panteras, e atuando posteriormente como produtor, Raul Seixas (1945-1989) lança seu primeiro disco solo em 1973. O disco trouxe canções que se imortalizaram, tais como: “Ouro de tolo”, “Mosca na Sopa” e a clássica “Metamorfose Ambulante”.

Raul foi preso em 1974, pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) na cidade do Rio de Janeiro, por divulgar em seus shows a chamada “Sociedade Alternativa” (uma filosofia baseada nos escritos do ocultista inglês Aleister Crowley). Manifestando-se contra o repressivo governo da época, em vários shows Raul Seixas expressa sua aspiração por uma sociedade diferente, onde as pessoas teriam a liberdade de ‘fazer tudo que quisessem’, como evoca a letra da canção “Sociedade Alternativa”. Após a breve prisão, o cantor fica no exílio nos Estados Unidos com seu parceiro musical Paulo Coelho até 1975.

Após a implantação do Ato Institucional nº 5 (AI-5), baixado em 13 de dezembro de 1968 pelo governo militar brasileiro (1964-1985), vários artistas foram presos, exilados, ou tiveram seus trabalhos censurados. Termina o programa Jovem Guarda exibido pela TV Record. Apenas 14 dias após decretado o AI-5, Gilberto Gil e Caetano Veloso, dois expoentes do movimento musical tropicalista, são presos e, posteriormente, exilados. A partir dos anos 70, passa a ocorrer um acirramento da censura e aumento das arbitrariedades o que, de certa forma, dificulta a produção musical brasileira. O clima era de tensão para a música brasileira! Mesmo com o início do processo de abertura política durante o desenrolar da década de 1970, ela seria “lenta e gradual” para usar palavras dos próprios líderes da época. Ou seja, ela ainda iria demorar, conforme a História comprovou.

Marcos Napolitano (2010) propõe explicar esse período de transição com as seguintes palavras:

Podemos dizer que a canção popular dos anos 1970, situada dentro das correntes identificadas pela crítica como sendo parte do guarda-chuva da MPB, dividiu-se em dois períodos bem demarcados de expressão: entre 1969 e 1974, poderíamos nomeá-la como “canção dos anos de chumbo”. Entre 1975 e 1982, teríamos a “canção da abertura”. É claro, essas cronologias e rótulos são puramente aproximativos e sujeitos a generalizações, sempre perigosas. Se a “canção dos anos de chumbo” foi, marcadamente, uma canção que sublimou a experiência do medo e do silêncio diante de um autoritarismo triunfante na política, a “canção da abertura” será marcada pela tensão entre o imperativo conscientizante da esquerda e a expressão de novos desejos e atitudes dos setores mais jovens da classe média. A ansiedade coletiva por uma nova era de liberdade que, todavia, ainda não havia chegado, transformando-se em iminência, experiência limite entre dois impulsos nem sempre conciliáveis na tradição crítica: o ético-político e o erótico. A era de violência extrema havia passado, mas a era de liberdade ainda não havia começado. Daqui surge uma primeira hipótese sobre a canção da abertura, pautada na percepção de um “entrelugar” que se manifestará como expressão poético-musical e experiência histórica (Napolitano, 2010, p.391)

Portanto, quem teria a ousadia de produzir música de protesto durante o ainda vigente regime ditatorial brasileiro? É notório que mesmo diante da censura e do autoritarismo durante os anos de chumbo, tivemos neste período expressivas produções musicais. Um exemplo marcante dessa manifestação musical foi o surgimento do movimento *punk* brasileiro.

Influenciados pelo movimento de contracultura oriundo originalmente na Inglaterra dos anos 1970, o *punk* no Brasil surge mais expressivamente na cidade de São Paulo, mas tendo também seus representantes em Brasília, Salvador e no estado do Rio Grande do Sul no final dessa mesma década. Adepts da prática *Do It Yourself* (“faça você mesmo”), possuindo como uma de suas ideologias políticas o Anarquismo, emergindo como reflexo de uma insatisfação geral com a música, comportamento e condição política da época. Os principais grupos musicais estrangeiros que os influenciaram foram os ingleses do *Sex Pistols* (1974) e *Ramones* (1974) dos EUA. A primeira banda brasileira considerada com estilo *punk* que se tem registro foi o *Joelho de Porco* (formada em 1972 em São Paulo - SP). A partir daí, juntaram-se posteriormente ao movimento outros grupos: Restos de Nada (1978), Córula (1979), Aborto Elétrico (1979), Inocentes (1981), Ratos de Porão (1981), dentre outros. Foram esses artistas e bandas, que se manifestaram artisticamente em diferentes momentos, que contribuíram para forjar e fortalecer o rock brasileiro nos anos 1980.

Além destes artistas, é importante ressaltar a importância que os festivais de músicas - realizados mesmo no período ditatorial - na preservação das manifestações culturais do Brasil. Inspirados tanto pelo rock como também pelos movimentos de contracultura, festivais como o de: Guarapari, no Espírito Santo, (1971), em Cambé, no Paraná, em (1973), Hollywood Rock (1975), além do primeiro Festival de Águas Claras – o “Woodstock brasileiro” - tendo em sua primeira edição (1975) reunido cerca de 30 mil pessoas, se tornaram pontos de encontro para artistas e fãs do rock, proporcionando uma troca de experiências e influências que contribuíram para a consolidação e o fortalecimento do gênero no Brasil, estimularam a formação de novas bandas, impulsionaram carreiras e deram visibilidade a novos talentos, tornando-se assim, símbolos de resistência cultural e espaços de liberdade em meio a um período de repressão.

Nos anos 1980, o rock brasileiro confrontava as convenções musicais estabelecidas, e também reinventava a própria essência da composição musical. Tratado hoje como um movimento musical, o Brock - como ficou conhecido o rock nacional da década de 1980 - ao mesmo tempo em que enfrentava o tradicionalismo musical da sociedade, ainda atrelado ao estilo conservador dos grandes medalhões da Música Popular Brasileira (MPB), reinventava a forma de composição musical e estabelecia uma nova forma de escrever letras.

Como já abordado, é fato que, antes da década de 1980, já existiam artistas que produziram rock no país, porém a partir dos anos 1980, motivados pelos novos ventos do processo de redemocratização brasileiro e também pelo favorável cenário do mercado fonográfico para o gênero, há no período uma multiplicação de muitas novas bandas. O surgimento de bandas tais como: Gang 90 e Blitz, no Rio de Janeiro, no início dos anos 1980, marcaria o início dessa nova era. Segundo Severiano (2008),

Foi o sucesso estrondoso de “Você não soube me amar” (de Evandro Mesquita, Ricardo Barreto, Zeca Mendigo e Guto), interpretado pela banda Blitz, que abriu as portas da mídia ao BRock, o rock brasileiro dos anos 80, um movimento que iria marcar fortemente a década (Severiano, 2008, p. 436)

O aparecimento da banda Blitz é o reflexo musical da busca por uma sonoridade nacional inovadora, incorporando elementos do rock e do pop. Por meio de letras bem descontraídas a banda obtém um sucesso grandioso. Com a cara do tropical verão carioca, a canção "Você Não Soube Me Amar", torna-se um hit a partir do segundo semestre de 1982, registrando assim o seu pioneirismo nesse novo formato de rock brasileiro, peculiar dos anos 1980. Seu surgimento é marca registrada da diversidade e inovação no cenário musical brasileiro da época. Mugnaini Jr. (2007) ressalta:

Um dos primeiros sinais da iminente explosão foi o estouro nas paradas de sucesso da banda Blitz com Você Não Soube me Amar (1982), a Gang 90 com Perdidos Na Selva (composição de Guilherme Arantes, 1981) e Eduardo Dusek com Rock Da Cachorra (de Léo Jaime, 1982), além de o Circo Voador ter se mudado de Ipanema para a Lapa, região carioca mais propícia à efervescência cultural. Este grande sucesso do rock brasileiro no começo do ano de 1982 foi chamado de “Verão do Rock”, começando a consolidar o rock brasileiro dos anos 1980, que ganhou o rótulo BRock, criado pelo músico e jornalista Arthur Dapieve, e não pelo jornalista e compositor Nelson Motta como muitos pensam (embora este tenha citado a expressão BRock em seu livro Noites Tropicais com crédito a Dapieve) (Mugnaini Jr, 2007, p. 82).

Logo em seguida, grupos recém formados, das mais diversas regiões geográficas e vertentes musicais, como: Os Paralamas do Sucesso, Os Titãs do iê-iê (posteriormente Os Titãs), Barão Vermelho, RPM, Ira!, Capital Inicial, Plebe Rude, Legião Urbana, Engenheiros do Hawaii, dominaram os palcos e conquistaram os corações e mentes da juventude brasileira na década de 1980.

Ressalta-se que o impacto de bandas de rock durante os anos 80 foi tão considerável, que algumas delas estão em atividade até os dias de hoje, afinal, como cita Napolitano “a música tem sido, ao menos em boa parte do século XX, a tradutora dos nossos dilemas nacionais e veículo de nossas utopias sociais” (Napolitano, 2002, p.7), residindo aí a possibilidade do uso

de suas letras no ensino de História para compreensão de fatos históricos tanto da História do Brasil, como Mundial. Citando sobre alguns dos principais sucessos da banda brasiliense Legião Urbana, por exemplo, o jornalista Carlos Marcelo (2013), menciona que:

A verdade é que, ao longo da carreira, Renato Russo soube se comunicar com maior desenvoltura com os fãs do que com os colegas de palco. Talvez pelo fato de sua força se concentrar mais na poética do que na busca de uma nova sonoridade – que, para muitos músicos, era demasiadamente simples e assemelhada ao formato consagrado no rock internacional. Mas a cada disco, a cada improvável sucesso radiofônico, Renato foi ampliando o seu espaço. E nem a morte o impediu de prosseguir. Nos últimos vinte anos, versos legionários foram cantados em toda parte: festivais de rock, trios elétricos, feiras agropecuárias, rodas de pagode, churrascos, festas de debutantes, karaokês, manifestações de esquerda e de direita, nas favelas e nas coberturas. Assim, por mérito próprio, Renato Russo passou a integrar o primeiro escalão da música popular brasileira. “Que país é este”, “Pais e filhos”, “Farol estê caboclo”, “Será”... Não se iluda, elas não pertencem a você. Nem a mim. Pertencem a todos. São incontornáveis (Marcelo, 2013, p. 12)

Principal símbolo do governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902-1976), a cidade de Brasília - DF foi pano de fundo para o surgimento das que viriam a ser algumas das principais bandas do rock brasileiro, algumas delas ainda em atividade nos dias de hoje. Elas tinham como principais temas o protesto e o cenário político e social brasileiro.

Foi no cenário desta jovem cidade que, no ano 1973, o jovem Renato Manfredini Júnior, mais conhecido futuramente por seu nome artístico, “Renato Russo” - sendo a escolha deste nome uma homenagem a seus intelectuais favoritos, o inglês Bertrand Russell, o filósofo Jean-Jacques Rousseau e o pintor primitivista Henri Rousseau (Dapieve, 2000) -, se muda com a família para a capital federal, vindo do Rio de Janeiro. E foi residindo na Super Quadra Sul (SQS 303) que Renato, muito interessado por música e fã do *punk rock*, começa a se envolver com o cenário musical ajudando a fundar a banda Aborto Elétrico (1979) e, posteriormente, a Legião Urbana (1982), iniciando a trajetória que a tornaria umas das maiores bandas do rock brasileiro. É presente na obra o retrato de um jovem entediado, e até mimado, com conflitos internos e que possui uma grande necessidade de se expressar e de se autoafirmar. Diante disso, o futuro compositor enfrenta dos 15 aos 16 anos de idade uma rara doença (epifisiólise), aproveitando o período enfermo para se dedicar à leitura, as pesquisas sobre a música em geral e ao estudo do violão.

A obra de Renato Russo e o surgimento da Legião Urbana podem ser vistos no filme *Somos Tão Jovens* (2013) – recurso que pode ser utilizado para explicar contextos históricos nacionais da década de 1980. Porém, torna-se importante destacar que o significado de um filme, assim como também a letra de uma canção, não está finalizado totalmente na própria obra, mas depende de uma relação com o espectador para se completar tal significação.

Desta forma, demanda um minucioso trabalho prévio do professor para que a obra analisada venha a contribuir significativamente para compreensão histórica de seus alunos.

Já em Belo Horizonte, MG, na década de 1980 também emergem bandas como Sarcófago e Sepultura, esta última desenvolvendo uma qualidade musical que colocou o Brasil no cenário dos países com uma das melhores bandas de metal do planeta. O Rock já estava estabelecido no Brasil, em diferentes vertentes. O cenário musical brasileiro, influenciado muitas vezes pelo internacional, teve seu primeiro festival de grande impacto – O Rock in Rio (1985).

O Rock in Rio foi realizado pela primeira vez em janeiro de 1985 no município do Rio de Janeiro, e foi um marco na história do rock. O festival reuniu bandas de renome internacional, como Queen, AC/DC, Iron Maiden, Scorpions, além de artistas solo tais como Rod Stewart, Ozzy Osbourne, além de cantores, cantoras e bandas nacionais, dentre eles, Erasmo Carlos, Pepeu Gomes, Ney Matogrosso, Kid Abelha, Barão Vermelho, Os Paralamas do Sucesso, Rita Lee e Lulu Santos. O evento foi um sucesso estrondoso, marcando o início de uma série de edições que se tornaram referência mundial na música ao vivo.

Já partindo para o início dos anos 1990, outras bandas surgiram, dentre elas Skank, Raimundos, Planet Hemp, Detonautas, Nação Zumbi. Elas, assim como os artistas dos anos 80, também se consolidaram no cenário do rock nacional, porém, acrescentando ao gênero as mais diversas influências musicais. No final dos anos 1990 e início dos anos 2000, podemos citar a banda Charlie Brown Jr., que se destacou pela fusão de rock, rap e *skate culture*.

Como vimos, o movimento musical chamado BRock (ou simplesmente rock brasileiro) teve um impacto significativo na cultura brasileira. Analisando, por exemplo, as bandas oriundas dos anos 1980, é possível constatar que elas ajudaram a popularizar o rock no Brasil e inspiraram uma nova geração de músicos. Não só o ritmo era contagiente, mas também as letras das músicas eram inovadoras, abordando temas sociais e políticos. Os shows ainda são muito procurados pelo público hoje. Fãs vão às apresentações para ouvir os ritmos que marcaram a sua juventude e para ver os seus ídolos ao vivo. Suas canções ainda são tocadas atualmente e continuam a ser populares entre o público jovem e também de mais idade.

Analisaremos no capítulo seguinte (Capítulo 2) em detalhes o Rock Brasileiro dos anos 1980, e descreveremos de que forma 14 diferentes letras de músicas selecionadas desse período podem ser utilizadas nas aulas de História.

1.3. O ENSINO DE HISTÓRIA E A MÚSICA

Por mais básico que possa parecer, faz-se necessário a partir de agora, abordar o

conceito de História. O que é História? Denominada como uma ciência do passado e do presente, Marc Bloch traz a História como um objeto do homem, complementando-a como: “ciência que estuda os homens no tempo” (Bloch, 2001, p.55), logo, é através do tempo que é possível compreender os fatos históricos, o que cada sociedade vivenciou, conquistou e organizou para o que atualmente é utilizado e pertencido pelo homem. O Campo da história não pode ser tão rigidamente sistematizado, em blocos cronológicos e geográficos, pois detém articulações que perpassam pelo âmbito social, político, econômico, cultural. Conforme elucida Certeau (1982)

Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura). É admitir que ela faz parte da "realidade" da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada "enquanto atividade humana", "enquanto prática". Nesta perspectiva, gostaria de mostrar que a operação histórica se refere à combinação de um lugar social, de práticas "científicas" e de uma escrita (Certeau, 1982, p. 66)

Essa organização histórica é composta como eventos cronológicos baseados em contextos e organizações de uma sociedade para outra, onde ambas são desenvolvidas e transformadas ao longo dos tempos. Em busca de compreender um significado de construir um diálogo entre os tempos, o passado e o presente trazem consigo uma forma de preparação para o futuro, ou seja, propõe uma construção de ideias em torno de relações e acontecimentos, dando sentido ao mundo em que se vive.

As questões relativas ao tempo e suas formas de apreensão são o centro da compreensão histórica do mundo e de sua evolução. A complexidade dessas questões explicita-se, principalmente, na forma como as grandes datas e os períodos da História foram fixados. A tradição dos historiadores elaborou, por exemplo, a divisão da História em quatro grandes períodos: História Antiga, História Medieval, História Moderna e História Contemporânea. Trata-se de uma construção de historiadores, cuja validade insere-se mais da história europeia em diante, e não de um dado objetivo. (Schimidt, 2004, p. 79).

Analizando as modificações sociais e culturais desde a Antiguidade, as relações em torno das constituições históricas são consideradas uma ciência da humanidade, vivenciada pelo homem através de gerações de conquistas e avanços sociais. Sendo compreendida como uma ciência de investigação, essas modificações são chamadas de História e seu registro de historiografia, moldadas através de transformações do homem em ação e construção do mundo.

A educação formal brasileira inicia-se na época da Colônia, por meio dos jesuítas, em 1549, sobre o ordenamento do Padre Manoel de Nobrega, e determinaram a práxis do sistema

educativo até 1759, com sua expulsão. Os jesuítas se utilizavam dos cânticos missionários, como forma de aproximação com os indígenas, de modo que “referências à música em cerimônias religiosas e eventos profanos são encontradas em relatos desde pouco tempo depois da chegada dos jesuítas no Brasil até a sua expulsão em 1759” (Holler, 2010, p.12). Mas essa musicalização era uma via de mão única, os missionários consideravam manifestações culturais indígenas – canto, dança – profanas, buscando combatê-las por meio do ensino das orações cantadas, privilegiando a prática de músicas europeias (Holler, 2010). Em relação ao Ensino de História, neste período, cabe destacar que o que prevalecia era o que constava na Bíblia – no único interesse de propagação da fé cristã e no projeto civilizatório dos indígenas. Ressalta-se, no entanto, que a Companhia de Jesus, com o advento da colonização de povoamento emergente no século XVIII, passa a preparar também os filhos dos nobres – com um currículo totalmente diferente do aplicado aos indígenas, o Plano de Estudos Ratio Studiorum - formava-se assim, Advogados, teólogos e professores, descendentes da elite colonizadora (Romanelli, 2005).

As reformas pombalinas então surgem, sob uma perspectiva iluminista. No entanto, no que diz respeito à música, Pinto (1998, p.14) aponta que há uma separação na organização do ensino. Se antes, os padres utilizavam-se da música, transformando as orações em canções, no período pombalino “[...] inicia-se o gradativo processo de desligamento da prática musical na escola regular, passando isto a acontecer nos conservatórios e academias, visando mais o aprendizado técnico da música” (Pinto, 1998, p.14). A música deixa de ser um recurso didático – e passa a ser um recurso mercadológico, acessível apenas à elite.

Criaram-se os primeiros cursos superiores no Brasil: Economia, Matemática, Agricultura, Química, História e Desenho Técnico, no século XIX. A preocupação era o desenvolvimento de saberes científicos, que abarcassem às demandas locais – e a formação de dirigentes aptos à administração do Império brasileiro. No entanto, as escolas primárias continuavam apenas ensinando a base do letramento e da escrita, e o secundário, com as Aulas Régias. Assim, o ensino de História – assim como a Música – era destinado a elite dominante naquele período.

O período imperial não teve como prioridade a educação, preocupado com sanar demandas políticas e econômicas imediatas que emergentes na época. Ocorreram, no entanto, a partir da década de 1850, modificações estruturais na educação, como:

A criação da Inspetoria Geral e da Instrução Primária e Secundária do Município da Corte, destinada a fiscalizar e orientar o ensino público e particular (1854); estabelecimentos das normas para o exercício da liberdade de ensino e de um sistema de preparação do professor primário (1854); reformulação dos estatutos do Colégio

de Preparatórios, tomando-se por base programas e livros adotados nas escolas oficiais (1854); reformulação dos estatutos da Academia de Belas Artes (1855); reorganização do Conservatório de música e reformulação dos estatutos da Aula de Comércio da Corte (Ribeiro, 1984, p. 56).

Conforme Gilberto Luiz Alves (2001), a escola pública moderna é manufatureira – assim como a fábrica que tem os trabalhadores especializados em cada parte do processo do produto – a educação passa a ter um professor especialista em cada conteúdo – muitas vezes, exclusivamente. Os currículos daquele período, determinantes da práxis escolar, não articulam os saberes – música e história. E nesse sentido, cabe ao professor hoje, realizar essa articulação, por meio dos recursos didáticos e dos métodos de ensino atuais, e, buscas de interdisciplinar os conhecimentos.

Música e História permaneceram dissociadas, também durante o período republicano. Durante o período do Estado Novo, a música ganha status de disciplina obrigatória no currículo escolar – um meio do governo promover a formação moral e cívica, utilizando-se do Canto Orfeônico. Já o ensino de História, gradualmente se perdia na integração com Geografia, nos chamados Estudos Sociais. A educação imbricava-se na lógica tecnicista – e o pensar crítico da História não combinava com essa nova premissa.

A disciplina de História, no período que contempla os anos finais da ditadura civil-militar (1985), ainda era conjugada à Geografia, Economia e Sociologia – todas integradas aos Estudos Sociais, núcleo criado em 1971, sob a Lei 5.692. A disciplina de Estudos Sociais foi abolida somente em 1997, quando História e Geografia voltaram a ser disciplinas distintas. Com a crise no regime militar, a década de 1980 foi marcada por discussões na tentativa de se reescrever a história, “[...] voltado para a análise crítica da sociedade brasileira” (FONSECA, 2003, p. 60) (Fioravante, 2020, p. 51)

Com o início do período da redemocratização no Brasil, surgem novas estruturas curriculares, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Acerca da temática desta pesquisa, o documento elucida que,

Abre-se aí um campo fértil às realizações interdisciplinares, articulando os conhecimentos de História com aqueles referentes à Língua Portuguesa, à Literatura, à Música e a todas as Artes, em geral. Na perspectiva da educação geral e básica, enquanto etapa final da formação de cidadãos críticos e conscientes, preparados para a vida adulta e a inserção autônoma na sociedade, importa reconhecer o papel das competências de leitura e interpretação de textos como uma instrumentalização dos indivíduos, capacitando-os à compreensão do universo caótico de informações e deformações que se processam no cotidiano (Brasil, 1998, p. 71).

Essa relação da História e música nos currículos será mais bem explorada na seção a seguir.

1.4. O ENSINO DE HISTÓRIA, A MÚSICA E O ROCK NO CURRÍCULO ESCOLAR

É necessário entender de que maneira (s) devemos interpretar o ensino de História. Bem, é fundamental compreender a prática do ensino de História – ou seja, o desafiador ato docente de diariamente ministrar aulas de História na Educação Básica - como uma forma de buscar conhecimento e conexões entre gerações. No foco desta abordagem, citamos as composições, e também o próprio contexto histórico das letras das músicas produzidas pelo rock brasileiro na década de 1980 com os jovens de hoje.

Percebe-se que está no ato de educar, o processo detentor de mecanismos e estratégias de aprendizagem. Esse processo possibilita a mediação de conteúdo, com uma dimensão social, em respeito aos momentos e períodos socioculturais. Deste modo, deve haver na atuação docente, um compromisso social e a busca por práticas educativas que façam o estudante compreender a história por um viés sócio-histórico, articulando as diversas fontes com o conhecimento histórico acumulado de maneira crítica (Sanfelice, 2001).

Observa-se que a prática escolar presente nos documentos oficiais da educação, como o Plano Nacional da Educação (2014-2024) e a Base Nacional Curricular Comum (2018), abordam a emergência dos usos de fontes atualizadas, cada vez mais voltadas ao digital, e que abarquem as vivências dos alunos, incluindo recursos didáticos dos quais estes tenham maior interesse – sendo a música, um deles. Como cita Zabala (p. 13, 1998) “a melhoria de nossa atividade profissional passa pela análise do que fazemos”, sendo assim, é necessário ao docente estar sempre atualizado das novas metodologias e como utilizá-las, de modo que o conhecimento de História não seja maçante, pautado nas velhas práticas de ensino conteudista e expositivo. Em meio a essa proposta, pontua-se a relevância das músicas do rock, em especial da década de 1980, destacando a possibilidade de sua utilização para o ensino de História de forma crítica.

A partir de uma abordagem da História cultural, pretende-se esclarecer de que maneira as letras do rock nacional produzido no período citado pode contribuir como útil artifício para o exercício da docência em História e, consequentemente, para melhor compreensão de tais conteúdos, tornando-os mais atraentes e significativos para os estudantes.

No Brasil, tanto para estruturação do ensino de História, bem como para as demais disciplinas (ou, se preferir, componentes curriculares), é sabido que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é referência nacional para a formulação dos currículos dos sistemas, das redes escolares dos estados, do Distrito Federal, dos municípios e das propostas pedagógicas das instituições de ensino. Ou seja, é inviável, sugerir letras do rock brasileiro como ferramenta

de auxílio pedagógico sem olhar para o que dita os documentos norteadores da prática docente do professor de História, em especial o currículo escolar.

Mas, o que podemos entender como currículo escolar? Conforme Sacristán (1998, p. 125) explana, a escolaridade é um percurso para os alunos/as, e o currículo é seu recheio, seu conteúdo, o guia de seu progresso pela escolaridade. Naturalmente, há inúmeras formas do professor de História, tendo o currículo como seu norteador, ministrar suas aulas, dando a elas o seu “tempero pessoal”. Cabe, no entanto, ressaltar por meio desta dissertação, a possibilidade do uso de letras do rock brasileiro oitentista para auxiliar o docente neste ofício.

Afirmar-se a necessidade de despertar o interesse dos educandos para a História, estimulando-os, inclusive, a historicizar o presente, sendo isso possível por meio de diversos recursos, inclusive letras de músicas, possibilitando reflexões históricas, bem como de seus possíveis impactos dentro da sociedade no futuro. Portanto, refletir a respeito das metodologias e novas possibilidades do ensino de História como disciplina atende mais apropriadamente as demandas do estudante contemporâneo, como cita Bittencourt (2018):

O ensino de História se destaca por mudanças marcantes em sua trajetória escolar que a caracterizavam, até recentemente, como um estudo mnemônico sobre um passado criado para sedimentar uma origem branca e cristã, apresentada por uma sucessão cronológica de realizações de “grandes homens” para uma “nova” disciplina constituída sob paradigmas metodológicos que buscam incorporar a multiplicidade de sujeitos construtores da nação brasileira e da história mundial (Bittencourt, 2018, p.127).

Considerando as questões norteadoras que permeiam esse estudo, está a seguinte problemática: É possível, no currículo escolar do componente curricular História, trabalhar com os recursos didáticos (letras de rock da década de 1980)? Partindo deste questionamento, é essencial analisar essa ferramenta, o currículo, a fim de investigar como este se flexiona em relação aos tipos de recursos didáticos utilizados, às práticas didáticas e os objetivos de aprendizagens propostos. A hipótese é afirmativa, pois as letras musicais que serão expostas mais adiante nessa dissertação contêm elementos sólidos, que possibilitam historicizar o presente, trabalhando com os estudantes, por exemplo, o conceito de imaginação histórica.

Portanto, esse trabalho se propõe como um momento de ponderação a respeito das práticas profissionais e estudos pedagógicos, tendo como contexto, o ambiente escolar e a elaboração de discussões da atuação docente do componente curricular de História.

Para a construção desta dissertação, o percurso metodológico respaldou-se na pesquisa bibliográfica e coleta de dados partindo de análises documentais, visando compreender os principais conceitos norteadores dentro das percepções pedagógicas, com vistas a reflexão

acerca da importância da História como componente curricular.

Perante o exposto, essa escrita busca sugerir possibilidades de uso de letras do rock brasileiro dos anos 1980 conciliando-as com as propostas presentes no Currículo de Referência da Rede Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul: Ensino Fundamental (2019) e Médio (2020). Ressalta-se que esta proposta busca estratégias para contribuir com o ensino de História, como forma de fazer a mediação entre aluno-fonte, e a construção de um conhecimento histórico crítico, por meio de dados e registros históricos.

Além disso, tratando agora do ambiente educativo, a escola, considerada como uma instituição educativa, é um dos espaços mais importantes da sociedade, contendo funções culturais, sociais, políticas e econômicas do mundo contemporâneo, tendo assim, um importante papel a cumprir, sendo, dentre outros o de respaldar professores e preparar estudantes para a vida cotidiana.

1.4.1. A Base Nacional Curricular Comum (2017)

A Base Nacional Curricular Comum (2017) é o documento normativo oficial nacional, em termos de currículo. Sua elaboração já era prevista em lei, no período redemocrático, a partir da Constituição Federal de 1988, quando indicam-se as primeiras etapas para a construção de uma base curricular nacional. Neste documento, no Art. 210, implica-se que “[...] Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais” (Brasil, 1988).

A idealização da BNCC passa então a ser gradualmente estruturada, com a implementação da Lei de Diretrizes e Bases da educação Brasileira, ou Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que diz,

Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos (Brasil, 1996).

Dos esforços em se constituir uma Base Curricular Comum, surgiram os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1998),

Após a entrada em vigor da nova LDBEN, em 1997, o governo de Fernando Henrique Cardoso, com o pretexto da necessidade educacional, define e programa os Parâmetros Curriculares Nacionais que, mesmo sem a aprovação do Conselho Nacional de Educação (CNE), serviram para os Sistemas de Ensino e as Escolas reorientarem os seus currículos, mesmo não sendo normativo. No fundo, o que estava em jogo era a implementação da avaliação em larga escala, iniciada pelo referido governo num pretenso processo de melhoria educacional, que começa pelo “final”, ou seja, pela avaliação (Corrêa; Morgado, 2018, p. 4)

Conforme aponta Fioravante (2020, p.54), outro documento determinante para a estruturação da BNCC foi o Plano Nacional da Educação (2014-2024), “dessa vez de forma sistemática: cerca de 60% do conteúdo abrangeia o conhecimento geral e 40% ficaria sob autonomia de cada estado/município”. O Plano Nacional da Educação (2014),

2.1) O Ministério da Educação, em articulação e colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, deverá, até o final do 2º ano de vigência deste PNE, elaborar e encaminhar ao Conselho Nacional de Educação, precedida de consulta pública nacional, proposta de direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento para os(as) alunos(as) do ensino fundamental;

2.2) Pactuar entre União, Estados, Distrito Federal e Municípios, no âmbito da instância permanente de que trata o § 5º do art.º 7º desta Lei, a implantação dos direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento que configurarão a base nacional comum curricular do ensino fundamental (Brasil. Plano Nacional de Educação. 2014)

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) passa a ser então elaborada pelo Ministério da Educação (MEC) em 2015, sendo finalmente entregue – sob críticas – ao Conselho Nacional da Educação (CNE) em 2016, e homologada em 2017 – a versão do Ensino Fundamental – e em 2018, a versão do Ensino Médio. A diferença entre as duas, é que a primeira se parece mais como um guia aos professores, contando com Unidades Temáticas, Objetivos de Conhecimento e Habilidades, para cada disciplina – agora denominada Componente Curricular. Já a segunda, em vistas de uma implementação apressada – do Novo Ensino Médio, - difere-se totalmente do primeiro documento. Os referenciais estaduais e municipais, logo, baseiam-se nesse primeiro, sendo muito perceptível a articulação entre a BNCC (2017) e o Currículo de Referência do Estado de Mato Grosso do Sul, seja do Ensino Fundamental ou Médio (2019/2020). Assim como os PCNs (1998), a BNCC traz à luz a importância da utilização de diferentes fontes e recursos metodológicos, deixando de lado assim a centralidade do livro didático. Acerca da música no ensino de História, a BNCC (2017) enfatiza que,

Para se pensar o ensino de História, é fundamental considerar a utilização de diferentes fontes e tipos de documento (escritos iconográficos, materiais, imateriais) capazes de facilitar a compreensão da relação tempo e espaço e das relações sociais que os geraram. Os registros e vestígios das mais diversas naturezas (mobiliário, instrumentos de trabalho, **música** etc.) deixados pelos indivíduos carregam em si mesmos a experiência humana, as formas específicas de produção, consumo e circulação, tanto de objetos quanto de saberes. Nessa dimensão, o objeto histórico transforma-se em exercício, em laboratório da memória voltado para a produção de um saber próprio da história (BNCC, 2017, p.398, grifo nosso).

1.4.2. O Currículo de Referência de Mato Grosso do Sul: Ensino Fundamental (2019)

O Currículo de Referência de Mato Grosso do Sul: Ensino Fundamental (2019) preconiza que a música deve ser instrumento didático presente já nos primeiros passos escolares, na educação infantil – na qual a criança deve ter,

[...] de acesso às diferentes linguagens: a musical, a plástica, a corporal e a pictórica, as quais são elementos de mediação, interlocução e interação entre as crianças e os adultos e devem ser utilizadas a favor da expressão, imaginação e criação das crianças. Desse modo, a articulação das diferentes linguagens promove-lhes a aprendizagem e o desenvolvimento. As diferentes linguagens articuladas marcam uma rede de interações que integra a criança ao seu meio sociocultural e histórico (Mato Grosso do Sul, 2019, p. 91)

Durante todo o percurso do Currículo, da Educação Infantil ao Ensino Fundamental II, o termo “música” se faz presente, nos componentes curriculares da área de Linguagens e suas tecnologias (Artes, Educação Física, Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Língua Espanhola) e da área de Ciências Humanas, que engloba o componente de História – foco da nossa pesquisa. Embora o componente curricular de História detenha tempo específico de hora/aula a partir do 6º ano do Ensino Fundamental, o ensino de História é contemplado no currículo das séries iniciais, que prevê a respeito da música. À exemplo do conteúdo aplicado ao 2º ano “registros da história: linguagens e culturas”, observa-se,

Esta habilidade diz respeito a identificar e discriminar diferentes formas de registros da História (oral, escrita, pictografia, imagética, eletrônica, musical etc.) e avaliar seus efeitos na vida política, social e cultural da sociedade. Os meios de comunicação estudados no ano anterior, na habilidade MS.EF04HI08.s.08, ganham aqui um novo significado, o de registros de memória e, como tal, fontes da História. Pode-se considerar a possibilidade de os estudantes vivenciarem diferentes formas de registro a fim de perceber as dificuldades, limites e imprecisões que podem ocorrer na comunicação (Mato Grosso do Sul, 2019, p.717)

Nesse documento, observa-se que a musicalidade não é mero instrumento lúdico, e que as músicas servem como instrumento na contextualização dos fatos históricos e sociais, como o que é previsto em,

(MS.EF08HI01.s.01) para discutir qual o alcance da igualdade defendida pelo Iluminismo. Ela se estendia às mulheres e à população negra? Há oportunidade de pesquisar a biografia de mulheres, anarquistas ou não, mas pioneiras em diversos campos: pelo direito ao voto, pelo acesso ao ensino superior, pela afirmação nas artes, música, literatura, teatro, cinema, em cargos executivos e na conquista do poder político. Pode-se, ainda, propor ao estudante investigar, na comunidade ou região, exemplos de mulheres pioneiras ou transgressoras de barreiras sociais impostas pelas tradições e pelas leis (Mato Grosso do Sul, 2019, p.777)

No Currículo de Referência do Estado de Mato Grosso do Sul: Ensino Fundamental (2019), que no componente curricular de História abarca entre o 6º e 9º ano, há a menção ao gênero musical rock. Ele é contemplado no grade curricular do 9º ano, na Unidade Temática: *Modernização, ditadura civil-militar e redemocratização: o Brasil após 1946*. Esta unidade tem como Objetos de Conhecimento “Os anos 1960: revolução cultural? A ditadura civil-militar e os processos de resistência As questões indígena e negra e a ditadura” e propõe que o aluno adquira as habilidades de “(MS.EF09HI20.s.23) Discutir os processos de resistência e as propostas de reorganização da sociedade brasileira durante a ditadura civil-militar”(Mato Grosso do Sul, 2019, p.782). As ações didáticas nesta dinâmica consistem em,

[...] em avaliar a urbanização acelerada do período 1946-1964, entendendo que ela beneficiou alguns segmentos sociais e que foi feita em descompasso com o restante do país, o que agravou as desigualdades regionais e sociais. Nesse contexto, se enquadram o aumento do êxodo rural, o surto industrial, em especial do setor automobilístico, novos padrões de consumo, novos meios de comunicação (rádio e televisão), **a efervescência cultural (Cinema Novo, Teatro de Arena e Teatro Oficina, bossa nova, rock in roll etc.)**, a influência cultural Norte Americana, bem como a crescente atuação dos trabalhadores (CGT), estudantes (UNE) e das Ligas Camponesas (Mato Grosso do Sul, 2019, p.782, grifo nosso)

No que concerne à música no geral, o Currículo destaca como habilidade presente no ensino de História, ainda na grade curricular do 9º ano,

[...] a analisar e identificar o perfil sociocultural dos militantes e as diferentes estratégias de resistências usadas pelos opositores do regime ditatorial, que iam de charges, notícias redigidas com duplo sentido para driblar a censura, **letras de músicas** com metáforas, manifestações populares até movimentos armados nas cidades e no campo (guerrilha do Araguaia), realizados por militantes da esquerda. A habilidade permite explorar, também, as manifestações culturais da época (teatro, música, cinema, obras literárias) (Mato Grosso do Sul, 2019, p.784, grifo nosso)

Na sequência temática, A História recente, ainda no currículo do 9º ano, tem-se por objetos de aprendizagem “O fim da Guerra Fria e o processo de globalização Políticas econômicas na América Latina (MS.EF09HI32.s.36)” e visa-se como habilidades “analisar mudanças e permanências associadas ao processo de globalização, considerando os argumentos dos movimentos críticos às políticas globais”. Nesse sentido, o documento aponta que,

É necessário também que o estudante investigue a significativa influência da globalização no Brasil e em âmbito mundial; os movimentos contestatórios em relação ao conservadorismo e as ideias estabelecidas que contrastam com questões de identidade e heterogeneidade. Movimentos expressos no campo das artes, **música**, movimentos sociais e estudantis. É propício valer-se de metodologias que possibilitem ao estudante identificar e localizar fontes relevantes, com uso das TDIC e outros métodos. A habilidade contempla as competências específicas n. 6 e 7, de Ciências Humanas (Mato Grosso do Sul, 2019, p.793, grifo nosso)

1.4.3. O Currículo de Referência de Mato Grosso do Sul: Ensino Médio e o Novo Ensino Médio (2020)

O Currículo de Referência de Mato Grosso do Sul: Ensino Médio e Novo Ensino Médio, faz parte da coletânea de documentos normativos oficiais da Secretaria do Estado da Educação de Mato Grosso do Sul, com vistas a normatizar o currículo da rede estadual de ensino. Os conteúdos são divididos em quatro grandes áreas – Linguagens e suas tecnologias, Matemática e suas tecnologias, Ciências Humanas e Sociais, e, Ciências da Natureza. No que concerne à música, no componente curricular de História encontra-se:

Quadro 1. Quadro demonstrativo do Currículo de Referência de Mato Grosso do Sul que contemple o termo “música”

ANO/SÉRIE DO E.M.	HABILIDADES	OBJETIVOS DO CONHECIMENTO (HISTÓRIA)	SUGESTÕES DIDÁTICAS
2º ANO	(MS.EM13CHS303) Debater e avaliar o papel da indústria cultural e das culturas de massa no estímulo ao consumismo, seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à percepção crítica das necessidades criadas pelo consumo e à adoção de hábitos sustentáveis.	Mudanças no modo de produção: Taylorismo; Fordismo; Modo de produção sustentável e economia criativa; Avanços tecnológicos e meios de comunicação; Indústria Cultural x Movimento Contracultura.	Apresentação de vídeos sobre o tema “Movimento Contracultura”, para que os estudantes reflitam acerca dos valores contestatórios desses movimentos, vigentes na década de 1960. Pesquisa sobre esse movimento, utilizando ferramentas digitais, para fazer um levantamento das mais variadas informações acerca dessa temática como: imagens (desenhos ou fotografias), textos, músicas , dentre outros. O professor pode dividir a turma, em grupos, para produção de ensaios, abordando o Movimento Contracultura e apresentação à comunidade escolar.
3º ANO	(MS.EM13CHS502) Analisa situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.	História da sexualidade, racismo e Direitos Humanos.	Análise da letra da música “Cota não é esmola”, de Bia Ferreira, identificando a luta das relações étnico-raciais no Brasil, permeando pelo conceito de racismo. Roda de conversa para debater sobre como o racismo interfere na sociedade como um todo e, posteriormente, os estudantes podem produzir vídeo minuto de conscientização sobre o tema para ser postado no blogue da escola.

	<p>(MS.EM13CHS602)</p> <p>Identificar e caracterizar a presença do paternalismo, do autoritarismo e do populismo na política, na sociedade e nas culturas brasileira e latino americana, em períodos ditatoriais e democráticos, relacionando-os com as formas de organização e de articulação das sociedades em defesa da autonomia, da liberdade, do diálogo e da promoção da democracia, da cidadania e dos direitos humanos na sociedade atual.</p>	<p>Crise de 1929; Democracia e Populismo na Era Vargas; Brasil: uma experiência democrática de 1945 - 1964;</p> <p>Ditadura Militar no Brasil e na América Latina; 1985: Período de redemocratização.</p>	<p>Pesquisa, em diversas fontes, sobre o período do Regime Militar no Brasil e seus processos histórico-político-sociais de estado que trouxeram conflitos de interesses. Para compreender este momento que perdurou na história do país e que deixou suas marcas, sugere-se um olhar para a imprensa, a arte e a música que foram censuradas pelo estado na época. Propõe-se a divisão da turma, em grupos, para interpretar letras de músicas como “Apesar de você”, de Chico Buarque de Holanda, “Para não dizer que não falei das flores”, de Geraldo Vandré, “O bêbado e o equilibrista”, de João Bosco e Aldir Blanc, dentre outras, importantes para aquele momento, identificando e caracterizando como a linguagem de resistência reverbera contra a violência e opressão do governo, na época.</p> <p>Produção de uma resenha crítica, a partir das letras das músicas, bem como de sua interpretação para ser compartilhada no blogue da escola.</p>
--	---	---	---

Fonte: Currículo de Referência de Mato Grosso do Sul: Ensino Médio e Novo Ensino Médio (2020).

Adaptação: o autor (2024)

Em referência ao gênero musical Rock, não há nenhuma menção direta. Nota-se que o currículo privilegia à Música Popular Brasileira para abordar temas histórios – como se este fosse o único movimento de resistência musical realizado na história brasileira.

Pode-se aferir, o documento nacional e o estadual estão alinhados, no dinamismo referente às sugestões didáticas, de recursos metodológicos e de objetivos de aprendizagem e habilidades. Afinal, o currículo estadual, complementa as especificidades locais e alinha-se à formação geral comum proposta na BNCC (2017). Os documentos analisados, citam, esporadicamente acerca da utilização de músicas no ensino escolar, dentro do componente curricular de História – e o rock então, passou despercebido. No entanto, o currículo não é engessado, e o professor tem autonomia de prática didática, no que se refere a quais recursos utilizar, quais músicas, gêneros e métodos – o que nos propicia afirmativa a resposta do questionamento inicial, se os currículos normativos oficiais dão espaço para o ensino de História, tendo as letras de rock como instrumento didático.

2. PRINCIPAIS FATOS DA HISTÓRIA DO ROCK BRASILEIRO NA DÉCADA DE 1980 E A POSSIBILIDADE DO USO DE 14 LETRAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA BRASILEIRA

No presente capítulo, apresenta-se as análises de 14 letras de música, compostas na década de 1980, para serem utilizadas no ensino de História, conforme às demandas dos currículos oficiais normativos da educação.

2.1 ENFIM, O ROCK BRASILEIRO DOS ANOS 1980!

Depois do país conhecer, especialmente durante as décadas de 1960 e 1970, autênticos roqueiros abrasileirados tais como: Raul Seixas, Rita Lee, Jerry Adriani, e bandas como: Mutantes, Sá, Rodrix & Guarabyra, Casa das máquinas, Secos e Molhados, Made in Brasil, para citar apenas alguns, surgiria nos anos 1980 uma leva de bandas de rock com características distintas. Tratado hoje como um movimento musical, o BRock como ficou conhecido o rock nacional da década de 1980, ao mesmo tempo em que enfrentava o conservadorismo presente, enfatizado no período ditatorial - reinventava a forma de composição musical e estabelecia uma nova forma de escrever letras.

Mais uma vez ressalta-se nesta dissertação que já existiam artistas anteriores à década de 1980 que já produziam rock, porém a partir dos anos 1980, motivados pelos novos ventos do processo de redemocratização e também pelo cenário favorável do mercado fonográfico para o gênero, há no período uma multiplicação de muitas novas bandas.

Com base em uma análise de letras selecionadas das músicas produzidas pelos artistas “oitentistas”, serão analisados fatos (ou processos) históricos ocorridos na época, como, por exemplo, a Ditadura Militar Brasileira (1964-1985), a Censura, a Hiperinflação, a Redemocratização e a História do Brasil e do mundo em geral nos anos 1980. Seguramente, a música é um poderoso recurso no processo de ensino e aprendizagem, como endossa o pesquisador Martins Ferreira:

A música é (...) um tipo de expressão humana dos mais ricos e universais e também dos mais complexos e intrincados. Portanto, valerá muito ao professor utilizar a música em suas aulas, mas é preciso dedicar-se ao seu estudo, procurando compreendê-la em sua amplitude, desenvolvendo o prazeroso trabalho de sempre escutar os mais variados sons em suas combinatórias infinitas, com “ouvidos atentos”, e também ler o que for possível a respeito (Ferreira, 2006, P. 13).

Evidentemente, os artistas selecionados não foram escolhidos por serem os únicos a produzir rock no país durante o período analisado, mas sim porque suas produções foram destaque nos principais veículos jornalísticos da época, como rádio, TV, jornais e revistas especializadas, o que lhes proporcionou maior visibilidade.

Cabe ressaltar que a escolha por analisar o estilo musical o rock brasileiro, dentro de uma década específica (os anos 1980) é apenas uma questão de foco e abrangência da pesquisa, não caracterizando uma desvalorização ou menosprezo por outros ricos gêneros musicais brasileiros produzidos anteriormente ou até mesmo durante este período histórico, mas apenas a necessidade de estabelecermos um recorte temático e temporal específico para a pesquisa. A Música Popular Brasileira (MPB) e o samba, por exemplo, possuem uma importância cultural e histórica significativa na música brasileira, porém, apresentam características e trajetórias musicais um tanto distintas do rock, com influências, contextos e movimentos próprios. Dessa forma, visto que esta dissertação analisa o rock brasileiro dos anos 1980, ele não irá contemplar outros gêneros, já que eles possuem trajetórias diferentes e demandariam pesquisas específicas para cada um deles.

A partir deste ponto desta dissertação, explora-se 14 letras de músicas que servirão como peças-chave para desvendar as narrativas, críticas sociais e manifestações artísticas presentes no rock nacional da década de 1980. Cada faixa, escolhida criteriosamente, proporcionará uma perspectiva única sobre as dinâmicas da sociedade da época. Em meio a essa análise, faremos uso das letras selecionadas como fontes valiosas, explorando como os artistas canalizaram suas percepções e questionamentos sobre as realidades sociopolíticas por meio de suas criações musicais. Essa abordagem permitirá uma compreensão mais profunda das complexidades que permearam esse período transformador da música brasileira.

No Quadro 2 estão expostos os nomes das músicas, com seus respectivos músicos/bandas, ano de lançamento e a qual ano/turma será destinada cada canção, para utilização em sala de aula como instrumento didático.

Quadro 2. Músicas da década de 1980 selecionadas para o ensino de História.

Letra da Música	Ano de Lançamento	Compositor(es)	Ano/ turma
Até quando esperar (Plebe Rude)	1985	Plebe Rude	6ºano
Índios (Legião Urbana)	1986	Renato Russo	7ºano
Um Trem Para As Estrelas (Cazuza)	1988	Cazuza e Arnaldo Brandão	7ºano
Homem Primata (Titãs)	1988	Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Tony Bellotto	8ºano
Fábrica (Legião Urbana)	1987	Renato Russo	8ºano
Estado Violência (Titãs)	1986	Arnaldo Antunes e Marcelo Fromer	8ºano
Miséria e Fome (Inocentes)	1983	Clemente Nascimento	9ºano
Inútil (Ultraje a Rigor)	1983	Roger Moreira	9ºano
Nome aos Bois (Titãs)	1984	Arnaldo Antunes e Tony Bellotto	9ºano
Alagados (Os Paralamas do Sucesso)	1986	Herbert Vianna	9ºano
Perplexo (Os Paralamas do Sucesso)	1989	Herbert Vianna	9ºano
Censura (Plebe Rude)	1984	Plebe Rude	3ºano
Alívio imediato (Engenheiros do Hawaii)	1989	Humberto Gessinger	3ºano
Selvagem (Os Paralamas do Sucesso)	1986	Herbert Vianna	3ºano

Fonte: levantamento realizado pelo autor (2024)

Na seção a seguir, serão elencadas as letras selecionadas, de rock brasileiro, compostas durante os anos 1980, e será exposta a associação com suas respectivas etapas de ensino, competências e habilidades, expressas no Currículo de Referência do Estado de Mato Grosso do Sul, e com a BNCC. As músicas são apropriadas em especial para as etapas finais dos Ensino Fundamental e última etapa (3º ano) do Ensino Médio.

2.1.1. Até Quando Esperar - Plebe Rude (1986) (6º Ano)

*Não é nossa culpa
Nascemos já com uma
bênção Mas isso não é
desculpa
Pela má
distribuição Com
tanta riqueza por aí
Onde é que está? Cadê sua
fração? Com tanta riqueza por
aí
Onde é que está? Cadê sua
fração?*

*Até quando
esperar? E cadê
a esmola
Que nós damos sem
perceber? Que aquele
abençoado Poderia ter
sido você*

*Com tanta riqueza por aí
Onde é que está? Cadê sua
fração? Com tanta riqueza por
aí
Onde é que está? Cadê sua
fração?*

*Até quando esperar a plebe
ajoelhar Esperando a ajuda de
Deus?*

*Até quando esperar a plebe
ajoelhar Esperando a ajuda de
Deus*

*Penso
Vigiar teu
carro? Te
pedir
trocados?
Engraxar seus sapatos?
Posso?
Vigiar teu
carro? Te
pedir
trocados?
Engraxar seus sapatos?*

*Sei, não é nossa culpa
Nascemos já com uma
bênção Mas isso não é
desculpa
Pela má distribuição*

*Tanta riqueza por aí
Onde é que está? Cadê sua
fração? Até quando esperar a
plebe ajoelhar? Esperando a
ajuda de Deus
Até quando esperar a plebe
ajoelhar? Esperando a ajuda
do divino Deus*

Quadro 3. Dados curriculares relacionados ao conteúdo x letra de música

Unidade Temática	Lógicas de organização política
Objetos de conhecimento	As noções de cidadania e política na Grécia e em Roma.
Habilidades	(MS.EF06HI12.s.14) Associar o conceito de cidadania a dinâmicas de inclusão e exclusão na Grécia e Roma antigas.
Ações didáticas	(MS.EF06HI12.s.14) Associar o conceito de cidadania a dinâmicas de inclusão e exclusão na Grécia e Roma antigas.
Documento	Curriculum de referência de Mato Grosso do Sul: ensino fundamental (2019), p.730.

Fonte: elaborado pelo autor (2024) a partir dos dados coletados do Currículo de Referência de Mato Grosso do Sul: Ensino fundamental (2019)

Pode-se iniciar trabalhando o conceito de Plebe, uma vez que faz parte do nome da banda, Plebe Rude. Pode-se pedir para os alunos, por meio de excertos de textos ou no livro didático, identificarem as camadas sociais das antigas sociedades grega e romana. Dentro estes, apontar qual seria a Plebe. Pode-se trabalhar conceitos de sociedade estratificada e se havia mobilidade hierárquica e econômica nas sociedades Gregas e Romanas. Nas estrofes “posso vigiar teu carro? Te pedir trocados? [...]”, comparar a servidão dos escravos romanos com o problema de mendicância e subempregos informais.

A música mencionada pode contribuir para instigar o debate sobre as injustiças sociais e as desigualdades econômicas. Esses temas são abordados pela habilidade EM13CHS402 da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que incentiva os estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental a analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, relacionando-os a processos de estratificação e desigualdades socioeconômicas.

Vale ressaltar a importância de uma metodologia que contemple recursos audiovisuais, como filmes épicos, documentários e outras mídias, entretanto, é necessário que esse trabalho se faça, numa perspectiva exploratória e investigativa, com imprescindível interlocução e mediação do professor.

Acerca disto, Napolitano (2008 p. 11-12) pontua que: “trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte”.

2.1.2. Índios - Legião Urbana (1986) (7º Ano)

*Quem me dera ao menos uma vez
 Ter de volta todo o ouro que entreguei a quem
 Conseguiu me convencer que era prova de amizade
 Se alguém levasse embora até o que eu não tinha
 Quem me dera ao menos uma vez
 Esquecer que acreditei que era por brincadeira
 Que se cortava sempre um pano de chão
 De linho nobre e pura seda
 Quem me dera ao menos uma vez
 Explicar o que ninguém consegue entender
 Que o que aconteceu ainda está por vir
 E o futuro não é mais como era antigamente
 Quem me dera ao menos uma vez
 Provar que quem tem mais do que precisa ter
 Quase sempre se convence que não tem o bastante
 Fala demais por não ter nada a dizer
 Quem me dera ao menos uma vez Que o mais simples fosse visto
 Como o mais importante
 Mas nos deram espelhos e vimos um mundo doente
 Quem me dera ao menos uma vez
 Entender como um só Deus ao mesmo tempo é três
 E esse mesmo Deus foi morto por vocês
 Sua maldade, então, deixaram Deus tão triste
 Eu quis o perigo e até sangrei sozinho, entenda
 Assim pude trazer você de volta pra mim
 Quando descobri que é sempre só você
 Que me entende do iní-cio ao fim
 E é só você que tem a cura pro meu vício
 De insistir nessa saudade que eu sinto De tudo que eu ainda não vi
 Quem me dera ao menos uma vez
 Acreditar por um instante em tudo que existe
 E acreditar que o mundo é perfeito E que todas as pessoas são felizes Quem me dera ao menos uma vez*

*Fazer com que o mundo saiba que seu nome
 Está em tudo e mesmo assim
 Ninguém lhe diz ao menos obrigado
 Quem me dera ao menos uma vez
 Como a mais bela tribo Dos mais belos índios
 Não ser atacado por ser inocente
 Eu quis o perigo e até sangrei sozinho, entenda
 Assim pude trazer você de volta pra mim
 Quando descobri que é sempre só você
 Que me entende do iní-cio ao fim
 E é só você que tem a cura pro meu vício
 De insistir nessa saudade que eu sinto De tudo que eu ainda não vi
 Nos deram espelhos e vimos um mundo doente
 Tentei chorar e não consegui*

Quadro 4. Dados curriculares relacionados ao conteúdo x letra de música

Unidade Temática	A Organização social de populações ameríndias de Mato Grosso do Sul (séculos XVI- XVIII): Arte, Língua, cultura, política e sociedade.
Objetos de conhecimento	A conquista da América e as formas de organização política dos indígenas e europeus: conflitos, dominação e conciliação
Habilidades	(MS.EF07HI00.n.12) Analisar, com base em documentos históricos, produções historiográficas, arqueológicas e antropológicas, diferentes interpretações sobre as dinâmicas da sociedade Sul-mato-grossense no período colonial.
Ações didáticas	É Trazer à tona o conceito de “civilização” e fazer o questionamento sobre os povos originários do Brasil. Os indígenas são selvagens, preguiçosos, canibais e violentos como muitos dizem?
Documento	Currículo de referência de Mato Grosso do Sul: ensino fundamental (2019), p. 737)

Fonte: elaborado pelo autor (2024) a partir dos dados coletados do Currículo de Referência de Mato Grosso do Sul: Ensino fundamental (2019)

De que forma a música "Índios" da Legião Urbana pode ser utilizada como um recurso didático no ensino de História? Bem, a letra música "Índios" da Legião Urbana pode ser utilizada como um recurso didático no ensino de História do Brasil, de pelo menos três maneiras, sendo elas: 1. Análise da letra e da melodia: A letra, escrita em primeira pessoa e abordando a visão de um nativo sobre o processo de invasão e colonização da América, pode ser explorada para promover discussões sobre a perspectiva dos povos nativos e as consequências da colonização. 2. Contextualização Histórica: A música pode ser utilizada para contextualizar eventos históricos, como a colonização do Brasil, e promover a compreensão das experiências e visões dos povos indígenas durante esse período. 3. Desenvolvimento da Interpretação Histórica: A música pode ser utilizada como um elemento para estimular a imaginação histórica no processo de abstração sobre outras realidades e temporalidades, ajudando os estudantes a expandir a interpretação de fatos e processos históricos.

Essa canção, em forma e conteúdo, possui amplas possibilidades de trabalho no ensino de História da América. Especialmente por ter sido escrita em primeira pessoa e encarnar, alusivamente, a visão de um nativo sobre o processo de invasão e colonização da América, ela pode representar um auxílio muito significativo no despertar do que Peter Lee (2003, p. 20) chama de “empatia histórica”, ou seja, a capacidade de colocar-se no lugar de um sujeito histórico, para ampliar a possibilidade de compreensão sobre o passado vivenciado por ele.

2.1.3. Um trem para as estrelas (Cazuza), 7º ano.

*São 7 horas da manhã
Vejo Cristo da janela
O sol já apagou sua luz
E o povo lá embaixo espera
Nas filas dos pontos de ônibus
Procurando aonde ir
São todos seus cicerones
Correm pra não desistir
Dos seus salários de fome
É a esperança que eles tem
Neste filme como extras
Todos querem se dar bem
Num trem pras estrelas
Depois dos navios negreiros
Outras correntezas
Num trem pras estrelas
Depois dos navios negreiros
Outras correntezas
Estranho o teu Cristo, Rio
Que olha tão longe, além
Com os braços sempre abertos
Mas sem proteger ninguém Eu
vou forrar as paredes
Do meu quarto de miséria*

*Com manchetes de
jornal
Pra ver que não é nada
sério Eu vou dar o meu
desprezo Pra você que
me ensinou Que a
tristeza é uma maneira
Da gente se salvar depois
Num trem pras estrelas
Depois dos navios
negreiros Outras
correntezas
Num trem pras estrelas
Depois dos navios
negreiros Outras
correntezas
Num trem pras estrelas
Depois dos navios
negreiros Outras
correntezas
Num trem pras estrelas
Depois dos navios
negreiros Outras
correntezas
Num trem pras estrelas
Outras correntezas*

Quadro 5. Dados curriculares relacionados ao conteúdo x letra de música

Unidade Temática	Lógicas comerciais e mercantis da modernidade
Objetos de conhecimento	As lógicas internas das sociedades africanas. As formas de organização das sociedades ameríndias. A escravidão moderna e o tráfico de escravizados
Habilidades	(MS.EF07HI16.s.19) Analisar os mecanismos e as dinâmicas de comércio de escravizados em suas diferentes fases, identificando os agentes responsáveis pelo tráfico e as regiões e zonas africanas de procedência dos escravizados.
Ações didáticas	A habilidade aprofunda a (MS.EF07HI15.s18) e suscita um olhar mais atento para as questões que envolvem a escravidão durante a fase de colonização nas Américas.
Documento	Curriculo de referência de Mato Grosso do Sul: ensino fundamental (2019), p. 748

Fonte: elaborado pelo autor (2024) a partir dos dados coletados do Currículo de Referência de Mato Grosso do Sul: Ensino fundamental (2019)

A música "Um trem para estrelas" composição de Cazuza e de Gilberto Gil, lançada em 1988, do álbum *Ideologia*, um dos mais politizados do cantor e compositor carioca, é uma obra que transcende o seu tempo, incorporando aspectos sociais e perfeitos para uma análise histórica do Brasil. Anos depois de a música ser lançada, Lucinha Araújo, mãe de Cazuza, relembrou em seu livro *Cazuza: Só as Mães são Felizes* (2004), o depoimento de seu filho a respeito da letra:

Eu achava que não podia falar sobre política, por não ser uma pessoa política. Eu tinha muito preconceito em falar no plural, achava que só falava bem do meu mundinho. Isso começou a mudar quando fiz a letra de Um Trem pras Estrelas, com a música do Gil, a partir do roteiro do filme de Cacá Diegues. Depois conversando com mil pessoas, inclusive Gil, pensei por que não mostrar a minha visão, por mais ingênuo que ela seja? Não sei quanto é a dívida externa, qual é o rombo das estatais... não estou por dentro destas coisas, tenho uma visão romântica, mas a maioria da população também deve ter uma visão ingênuo, então por que não me posicionar? (Araújo, 2004, p. 201)

Com uma levada suave e uma narrativa poética, a canção tece críticas à desigualdade social, utilizando a cidade do Rio de Janeiro como pano de fundo. A letra nos permite "historicizar o presente", compreendendo como as realidades sociais da época da composição (a década de 1980) e do passado se conectam, e como essas conexões são relevantes até os dias de hoje. A letra da música aborda, em sua essência, a desigualdade social e as dificuldades enfrentadas pela população brasileira econômica e socialmente menos favorecida. Ao mencionar ter a visão do Cristo Redentor pela janela, o autor destaca ironicamente um símbolo religioso que, embora represente a esperança, não parece oferecer proteção àqueles que precisam. A referência aos "navios negreiros" remete ao período da escravidão no Brasil, uma das páginas mais sombrias de nossa história. A expressão "outras correntezas" sugere que, apesar da Abolição da Escravatura, oficialmente em 1888, novas formas de opressão e desigualdade persistem na sociedade brasileira. A busca por um "trem para estrelas" simboliza a aspiração por uma vida melhor, mas também reflete a dificuldade de alcançar essa melhoria em um contexto de persistente desigualdade. "Nas filas nos pontos de ônibus" e a busca desesperada por salários dignos revelam a luta diária enfrentada pela classe trabalhadora, presa em um ciclo de pobreza. Tal trecho permite ao estudante até mesmo imaginar trabalhadores disputando duramente um espaço nos transportes públicos à caminho do trabalho.

A linha "Eu vou forrar as paredes do meu quarto de miséria com manchetes de jornal" sugere uma tentativa irônica de lidar com a realidade difícil por meio do cinismo. A tristeza é retratada como uma maneira de se salvar, refletindo uma visão crítica sobre a sociedade e a necessidade de resistência diante das adversidades.

2.1.4. Homem Primata - Titãs (1986) (8ºAno)

*Desde os primórdios
Até hoje em dia
O homem ainda faz
O que o macaco fazia Eu não trabalhava
Eu não sabia
Que o homem criava E também destruía
Homem primata Capitalismo selvagem Ô-ô-ô
Homem primata Capitalismo selvagem Ô-ô-ô
Eu aprendi
A vida é um jogo Cada um por si
E Deus contra todos Você vai morrer
E não vai pro céu É bom aprender A vida é
cruel Homem primata
Capitalismo selvagem Ô-ô-ô
Homem primata Capitalismo selvagem Ô-ô-ô
Eu me perdi
Na selva de pedra Eu me perdi
Eu me perdi
I am a cave man, a young man
I fight with my hands, with my hands*

*I am a jungle man, a monkey man Concrete
jungle, concrete jungle Desde os
primórdios
Até hoje em dia
O homem ainda faz O que o macaco fazia
Eu não trabalhava Eu não sabia
Que o homem criava E também destruía
Homem primata Capitalismo selvagem Ô-ô-ô
Homem primata Capitalismo selvagem Ô-ô-ô
Eu aprendi
A vida é um jogo Cada um por si
E Deus contra todos Você vai morrer
E não vai pro céu É bom aprender A vida é
cruel Homem primata
Capitalismo selvagem Ô-ô-ô
Homem primata Capitalismo selvagem Ô-ô-ô
Eu me perdi Na selva de pedra
Eu me perdi (Eu me perdi) Eu me perdi (Eu
me perdi)*

Quadro 6. Dados curriculares relacionados ao conteúdo x letra de música

Unidade Temática	Configurações do mundo no século XIX
Objetos Conhecimento	Uma nova ordem econômica: as demandas do capitalismo industrial e o lugar das economias africanas e asiáticas nas dinâmicas globais
Habilidades	(MS.EF08HI24.s.31) Reconhecer os principais produtos, utilizados pelos europeus, procedentes do continente africano durante o imperialismo e analisar os impactos sobre as comunidades locais na forma de organização e exploração econômica.

Ações didáticas	<p>A habilidade aprofunda e amplia a (MS.EF08HI23.s.30), oportunidade em que o estudante poderá compreender os motivos da exploração realizada, via imperialismo, identificando quais eram os interesses. Numa perspectiva crítica, poderá analisar de forma mais específica as influências dessa condição exploratória para o desenvolvimento social e econômico daquelas sociedades. Proporcionar estudos que possibilitem ao estudante identificar as riquezas minerais extraídas da África (minérios como ferro, ouro, diamantes, carvão, estanho, zinco etc.) e sua importância para as indústrias europeias, bem como reconhecer que a infraestrutura moderna introduzida pelos europeus na África (estradas, vias férreas, portos etc.) estava a serviço dos interesses econômicos imperialistas e pouco contribuiu para o desenvolvimento do continente. O estudante deve compreender que as indústrias, atividades artesanais e a produção local de alimentos foram praticamente destruídas pela importação de gêneros europeus baratos produzidos em série e, ainda, que a monocultura, o trabalho forçado e o abandono da produção alimentar provocaram subnutrição, fome e epidemias, destruíram o comércio interno no continente e tornaram os estados africanos dependentes do mercado externo. Sugere-se a aplicação de metodologias que favoreçam o desenvolvimento da competência socioemocional de abertura para o novo aspirando as habilidades de valorização da diferença, de curiosidade e de flexibilidade.</p>
Documento	Currículo de referência de Mato Grosso do Sul: ensino fundamental (2019), p. 768

Fonte: elaborado pelo autor (2024) a partir dos dados coletados do Currículo de Referência de Mato Grosso do Sul: Ensino fundamental (2019)

Composta por Marcelo Fromer, Nando Reis, Sergio Britto e Ciro Pessoa, a canção "Homem primata" da banda Titãs foi lançada em 1986, período em que nosso país passava por importantes transformações, não somente no plano político, mas principalmente na esfera econômica. A sátira musical aborda o aspecto desumanizante assumido, muitas vezes, por determinadas formas de trabalho. A hiperinflação, o desemprego e as alterações no ciclo da produção industrial foram fatores marcantes no período em que a música fez sucesso, contribuindo para uma grave crise política, econômica e social. Portanto, a canção é uma ferramenta relevante para que o professor de História aborde os fatos vividos pela sociedade brasileira da época, bem como as tensões resultantes entre o modo de "produção capitalista" e o "trabalho".

2.1.5. Fábrica - Legião Urbana (1986) (8ºAno)

*Nosso dia vai chegar
Teremos nossa vez
Não é pedir demais
Quero justiça
Quero trabalhar em paz
Não é muito o que lhe peço
Eu quero o trabalho honesto
Em vez de escravidão
Deve haver algum lugar
Onde o mais forte não
Consegue escravizar
Quem não tem chance*

*De onde vem a indiferença
Temperada a ferro e fogo?
Quem guarda os portões da fábrica?
O céu já foi azul, mas agora é cinza
E o que era verde aqui já não existe mais
Quem me dera acreditar
Que não acontece nada
De tanto brincar com fogo
Que venha o fogo então
Esse ar deixou minha vista cansada
Nada demais (11x)*

Quadro 7. Dados curriculares relacionados ao conteúdo x letra de música

Unidade Temática	O mundo contemporâneo: o Antigo Regime em crise
Objetos de Conhecimento	Revolução Industrial e seus impactos na produção e circulação de povos, produtos e culturas.
Habilidades	(BNCC EF08HI03), (MS.EF08HI24.s.31) Analisar os impactos da Revolução Industrial na produção e circulação de povos, produtos e culturas.
Ações didáticas	A habilidade diz respeito a identificar a produção e os hábitos do homem antes e depois da Revolução Industrial, com a introdução da máquina a vapor; perceber a Revolução Industrial como um processo contínuo e inacabado, que permanece nas transformações tecnológicas ao longo dos séculos posteriores; analisar as mudanças sociais que a Revolução Industrial introduziu nas sociedades, com o surgimento de um novo grupo social, o operariado. A habilidade aprofunda a MS.EF08HI02.s.02 e aspira para o potencial de análise do estudante, numa perspectiva abrangente e crítica. Os impactos a serem analisados vão além daqueles experimentados pela população europeia, mas remete de forma clara e intencional à influência da Revolução Industrial no movimento dos povos em todo o mundo, incluindo o tráfico transatlântico de escravizados e transporte de condenados para as terras do além mar. Ressalta-se que a Revolução Industrial, a princípio, valeu-se de reforços na prática escravista para suprir a demanda por matérias primas. Quanto à metodologia, pode-se instigar o debate sobre a situação dos trabalhadores nos séculos XVIII e XIX, mostrando como o processo industrial modificou suas vidas, inserindo o aprisionamento pelo relógio, baixos salários, situações insalubres, doenças, mendicância e marginalização social. É possível comparar esses dados com os do século XX e XXI, confrontando diferenças e semelhanças.
Documento	Curriculum de referência de Mato Grosso do Sul: ensino fundamental (2019), p.751

Fonte: elaborado pelo autor (2024) a partir dos dados coletados do Curriculum de Referência de Mato Grosso do Sul: Ensino fundamental (2019)

“Qualquer que seja a sua forma, é a propriedade privada do capital nas mãos de uma classe, a dos capitalistas, com a exclusão do restante da população, que constitui a característica básica do capitalismo como modo de produção” (Bottomore, 1998, p. 51). Deste modo, Karl Marx (1818-1883) ao analisar os efeitos do Capitalismo e da Revolução Industrial do século XVIII nas sociedades humanas, citou que em lugar de se realizar no seu trabalho o ser humano se alienava nele, em lugar de se reconhecer em suas próprias criações, sentia-se ameaçado por elas, em lugar de se libertar acabava sujeito a novas opressões.

Com isso, apesar de concordar que a sociedade capitalista fora responsável por um nível de desenvolvimento das forças produtivas nunca antes experimentado na História, Marx percebeu na alienação humana o lado negativo do trabalho. O trabalho pode ser visto como a única manifestação da liberdade humana, da capacidade do homem de criar autonomamente a sua forma de existência. Porém, essa é uma liberdade que não é infinita, já que a produção está sempre relacionada às condições materiais e às necessidades já criadas.

A análise histórica citada acima pode ser enriquecida com o uso da música *Fábrica* da banda Legião Urbana. Tal letra aborda muito bem os anseios da classe trabalhadora capitalista de “trabalhar em paz” e de “um trabalho honesto” “em vez de escravidão”. Temas intimamente relacionados a habilidade EF08HI03 da BNCC que consiste em: “Analizar os impactos da Revolução Industrial na produção e circulação de povos, produtos e culturas”.

2.1.6. Estado Violência – Titãs (1986) (8º Ano)

<i>Sinto no meu corpo</i>	<i>Estado Violência</i>
<i>A dor que angustia</i>	<i>Deixem-me pensar</i>
<i>A lei ao meu redor</i>	<i>Estado Violência</i>
<i>A lei que eu não queria</i>	<i>Deixem-me sentir</i>
<i>Estado Violência</i>	<i>Estado Violência</i>
<i>Estado hipocrisia</i>	<i>Deixem-me em paz</i>
<i>A lei que não é minha</i>	<i>Estado Violência</i>
<i>A lei que eu não queria</i>	<i>Deixem-me querer</i>
<i>Meu corpo não é meu</i>	<i>Estado Violência</i>
<i>Meu coração é teu</i>	<i>Deixem-me pensar</i>
<i>Atrás de portas frias</i>	<i>Estado Violência</i>
<i>O homem está só</i>	<i>Deixem-me sentir</i>
<i>Homem em silêncio</i>	<i>Estado Violência</i>
<i>Homem na prisão</i>	<i>Deixem-me em paz</i>
<i>Homem no escuro</i>	<i>Estado Violência</i>
<i>Futuro da nação</i>	<i>Deixem-me querer</i>
<i>Homem em silêncio</i>	<i>Estado Violência</i>
<i>Homem na prisão</i>	<i>Deixem-me pensar por mim</i>
<i>Homem no escuro</i>	<i>Estado Violência</i>
<i>O futuro da nação</i>	<i>Deixem-me sentir</i>
<i>Estado Violência</i>	<i>Estado Violência</i>
<i>Deixem-me querer</i>	<i>Deixem-me em paz</i>

Quadro 8. Dados curriculares relacionados ao conteúdo x letra de música

Unidade Temática	O Brasil no século XIX
Objetos de conhecimento	<p>O pós-guerra do Paraguai em Mato Grosso do Sul</p> <ul style="list-style-type: none"> • A concessão da Erva Mate Laranjeira em território dos Guarani e Kaiowá, e exploração da mão de obra indígena. • Matte Laranjeira: exploração do produto primário, empobrecimento da população local e exaustão de recursos naturais. • Desapropriação de terras indígenas: aldeamento, violência e extermínio. • Medo, inércia ou resistência. • A invisibilidade imposta pela história tradicional e estratégia de auto defesa dos povos indígenas.
Habilidades	(MS.EF08HI00.n.23) Analisar e caracterizar o contexto histórico de Mato Grosso do Sul no pós Guerra entre a Tríplice Aliança e Paraguai, destacando as questões de terra, exploração de riquezas e poder, e suas consequências para populações indígenas.

Ações didáticas	A habilidade aprofunda as anteriores, (MS.EF08HI00.n.21) e (MS.EF08HI00.n.22). Espera-se que o estudante tenha condições de perceber as relações demarcadas por expropriações e poder que trouxeram miséria e incalculáveis perdas culturais para as sociedades locais. De um lado famílias que, por anos, travaram lutas pela legalização de posses de terras, uns conseguiram e outros não, sinal do jogo de tráfico de influência; e, do outro, sociedades indígenas que se dispersaram, perdendo suas áreas territoriais, convívio com seu povo, passando a ser confinadas em reservas, sofrendo, com o passar tempo, desgaste e abalos em sua própria identidade. Vale retomar as discussões trabalhadas na habilidade anterior (MS.EF08HI00.n.22), mostrando os legados negativos dessa política dispensada às populações indígenas, reforçando que os conflitos de terras entre fazendeiros e indígenas na atualidade são, em parte, reflexo do contexto pós-guerra. Será importante o uso de fontes como mapas, diários e documentos oficiais, fontes memorialísticas, ilustrações, textos científicos, dentre outras. Caberá, também, o uso das TDIC, assim, a habilidade estará em correspondência com a competência específica n. 7 e a geral n. 5.
Documento	Curriculum de referência de Mato Grosso do Sul: ensino fundamental (2019), p. 763, 764

Fonte: elaborado pelo autor (2024) a partir dos dados coletados do Curriculum de Referência de Mato Grosso do Sul: Ensino fundamental (2019)

A música "Estado Violência", composta pelo baterista Charles Gavin quando ainda era integrante da banda Ira, aborda a interferência do Estado nas liberdades individuais. Essa canção é relevante para o professor de História, pois possibilita estimular os estudantes a pesquisar e compreender que o Estado, tal como conhecemos hoje, é resultado de um processo histórico que se desenvolve juntamente com a sociedade capitalista. Após essa análise inicial, podem ser levantados questionamentos como: qual a diferença entre Estado, Nação e Governo? Quais são as contribuições que o Estado pode oferecer ao cidadão? Esse mesmo Estado pode se tornar autoritário e violento, como retratado na letra, privando os indivíduos de direitos fundamentais previstos na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948)? Quais direitos foram suspensos pelo Estado Brasileiro após o decreto do Ato Institucional nº 5 (AI-5)? Esses questionamentos estão diretamente relacionados ao código EM13CHS503 das Habilidades de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

2.1.7. Miséria e Fome - Inocentes (1988) (9º Ano)

*É tão difícil viver entre a miséria e a fome
Senti-la na carne e ter que ficar parado,
calado*
*É tão difícil entender como homens armados
Expulsam outros homens das terras em que
Eles nasceram e se criaram, que são deles
Por direito para lá plantarem nada, nada,
nada*
*É tão difícil entender como o governo pode
permitir
Que os homens saiam do campo e venham
Para a cidade criar mais miséria, criar mais
fome*
*Não estou culpando ninguém
Não estou acusando ninguém
Apenas conto o que eu vi
Apenas conto o que eu senti
Miséria e fome
Não, não*

*É tão difícil viver entre a miséria e a fome
Senti-la na carne e ter que ficar parado,
calado*
*É tão difícil entender como homens armados
Expulsam outros homens das terras em que
Eles nasceram e se criaram, que são deles
Por direito para lá plantarem nada, nada,
nada*
*É tão difícil entender como o governo pode
permitir
Que os homens saiam do campo e venham
Para a cidade criar mais miséria, criar mais
fome*
*Não estou culpando ninguém
Não estou acusando ninguém
Apenas conto o que eu vi
Apenas conto o que eu senti
Miséria e fome
Não, não*

A intenção ao utilizarmos esta música é por que sua letra é ideal para entendermos melhor a realidade econômica da sociedade brasileira, analisar as raízes históricas da concentração de renda no Brasil, investigar os processos históricos que contribuíram para a manutenção da concentração de renda no Brasil, como a falta de políticas públicas redistributivas, a ausência de uma efetiva reforma agrária, a tragédia de séculos de escravidão de mão de obra africana, na persistência do patrimonialismo e do clientelismo na política. Tal aprofundamento do tema possibilitará ao estudante analisar também por que o crescimento econômico por si só não gera distribuição de renda. E, quais seriam as possíveis medidas a serem adotadas que possibilitariam reduzir a histórica concentração de renda no Brasil.

Quadro 9. Dados curriculares relacionados ao conteúdo x letra de música

Unidade Temática	A história recente
Objetos de conhecimento	Protagonismo indígena em Mato Grosso do Sul; A pauta da terra: historicidade, reivindicação, resistência e conflito.; A experiência indígena com a vida urbana: ressignificação e afirmação de identidade
Habilidades	(MS.EF09HI00.n.41) (MS.EF09HI00.n.42) Identificar e discutir as diversidades identitárias presentes em Mato Grosso do Sul, com ênfase às populações indígenas, compreendendo seus significados históricos no início do século XXI, combatendo qualquer forma de preconceitos, discriminações e violências.
Ações didáticas	Sugere-se uma abordagem reflexiva e questionadora sobre as questões da história do presente, referentes às populações indígenas de Mato Grosso do Sul. Despertar um olhar reflexivo que possibilite o reconhecimento das biodiversidades indígenas, superando discursos generalizantes e visões folclorizadas que negam, desprezam, banalizam e suprimem a presença identitária das sociedades originárias e suas singularidades. Problematizar essas concepções contribuirá para a valorização dos esforços contínuos para o reconhecimento de direitos dessas populações. Isso implicará em reconhecer a legitimidade de suas reivindicações, valorizando o caráter lógico da resistência, percebendo que essas populações lutam por direitos sociais, culturais, melhores condições de vida, saúde, educação e acesso à terra, da qual, outrora, seus ancestrais foram expulsos. No estudo dessa temática caberão metodologias que instiguem uma postura investigativa, na qual a diversidade de fontes, incluindo as TDIC, oralidades (conversa com indígenas) e jornalísticas, que deverão ser exploradas numa perspectiva crítica e formadora. É viável recorrer às fontes que apresentam relatos de experiências passadas de pessoas (indígenas) que foram removidas à força de suas terras e até mesmo de seus grupos de origem. A habilidade contempla a competência específica n. 4, de História.
Documento	Currículo de referência de Mato Grosso do Sul: ensino fundamental (2019), p. 763, 764

Fonte: elaborado pelo autor (2024) a partir dos dados coletados do Currículo de Referência de Mato Grosso do Sul: Ensino fundamental (2019)

2.1.8. Inútil - Ultraje a Rigor (1985) (9º Ano)

A gente não sabemos
 Escolher presidente
 A gente não sabemos
 Tomar conta da gente
 A gente não sabemos
 Nem escovar os dente
 Tem gringo pensando
 Que nós é indigente
 'Inúteu'
 A gente somos 'inúteu'
 A gente faz carro
 E não sabe guiar
 A gente faz trilho
 E não tem trem pra botar
 A gente faz filho
 E não consegue criar
 A gente pede grana
 E não consegue pagar
 'Inúteu'
 A gente somos 'inúteu'
 'Inúteu'
 A gente somos 'inúteu'
 'Inúteu'
 A gente somos 'inúteu'

'Inúteu'
 A gente somos 'inúteu'
 'Inúteu'
 A gente somos 'inúteu'
 'Inúteu'
 A gente somos 'inúteu'
 'Inúteu'
 A gente somos 'inúteu'
 A gente faz música
 E não consegue gravar
 A gente escreve livro
 E não consegue publicar
 A gente escreve peça
 E não consegue encenar
 A gente joga bola
 E não consegue ganhar
 "Inúteu"!
 A gente somos "inúteu"!
 "Inúteu"!
 A gente somos "inúteu"!
 'Inúteu'
 A gente somos 'inúteu'
 'Inúteu'
 Inú! Inú! Inú

Quadro 10. Dados curriculares relacionados ao conteúdo x letra de música

Unidade Temática	Modernização, ditadura civil- militar e redemocratização: o Brasil após 1946
Objetos de conhecimento	O processo de redemocratização A Constituição de 1988 e a emancipação das cidadanias (analfabetos, indígenas, negros, jovens etc.) A história recente do Brasil: transformações políticas, econômicas, sociais e culturais de 1989 aos dias atuais Os protagonismos da sociedade civil e as alterações da sociedade brasileira. A questão da violência contra populações marginalizadas. O Brasil e suas relações internacionais na era da globalização

Habilidades	(MS.EF09HI22.s.26) Discutir o papel da mobilização da sociedade brasileira do final do período ditatorial até a Constituição de 1988.
Ações didáticas	<p>Esta habilidade diz respeito a reconhecer o papel da sociedade civil pela democratização, como, por exemplo, em manifestações estudantis, no resultado das eleições (1974), no enfrentamento à ordem política (greves de 1978 e saques a supermercados de 1981), na campanha pela anistia (1978) e pelas Diretas Já (1984) e na vitória maciça dos candidatos da oposição (1988). Os fatos listados permitem reconhecer que a sociedade não ficou passiva e que pressionou pela abertura política, mesmo diante da tentativa de fechamento do regime pela “linha dura” militar. É possível destacar, ainda, as tensões internas do meio militar, divididas entre os que apoiavam a abertura política e os contrários a ela (a “linha dura”), esses últimos responsáveis pelo agravamento da repressão (cassação de mandatos, prisões de estudantes, professores e jornalistas) e pelos atentados a bomba para intimidar a oposição (caso Riocentro, 1981). É importante reconhecer que as medidas do governo militar para a transição democrática, em 1979 (revogação do AI-5, aprovação da anistia parcial e extinção do bipartidarismo), foram resultado da pressão da sociedade brasileira.</p> <p>Deve-se, ainda, elencar personagens importantes: Dante de Oliveira, Ulisses Guimarães, Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva. A habilidade sugere trabalhar também na perspectiva da valorização dos benefícios referentes a amplitude dos direitos civis disponíveis na atualidade. Essa percepção pode ser alcançada a partir das discussões e análise do papel da sociedade no processo de redemocratização do Brasil, com ênfase, na constituição de 1988, que é um marco oficial da reconstrução de uma sociedade com seus direitos plenamente assegurados. Vale ressaltar a necessidade de perceber as evidências de esforços contínuos para preservar direitos conquistados.</p>
Documento	Curriculum de referência de Mato Grosso do Sul: ensino fundamental (2019), p.786

Fonte: elaborado pelo autor (2024) a partir dos dados coletados do Curriculum de Referência de Mato Grosso do Sul: Ensino fundamental (2019)

Já em 1933, o compositor Noel Rosa perguntava em sua canção homônima "Onde Está a Honestidade?". Tal pertinente questionamento feito nas primeiras décadas do século XX nos ajuda a entender o ponto de vista de grande parte da população brasileira sobre o que é "política". A composição de Noel Rosa critica o "povo" por ter uma visão curta para observar as "verdades" relacionadas aos políticos (Ferreira, 2006). Embora seja muito útil para usar em sala de aula ao abordar conteúdos como política, República, ditaduras e democracia, e ainda seja muito atual, visto que nosso recorte são as músicas compostas e lançadas pelo gênero rock nos anos 1980, essa música não será analisada. No entanto, nesse mesmo viés, abordaremos a

composição "Inútil" da banda Ultraje a Rigor, lançada em 1985. De acordo com Ascenção (2011, p. 43), essa canção com letra satírica utiliza a expressão "inútil" para designar a forma como as autoridades políticas tratavam a população brasileira nos primeiros anos da década de 1980, quando a população era impedida de votar diretamente para presidente.

É importante ressaltar o clima político ainda presente nessa época, os últimos momentos de um longo e ainda muito resistente regime militar que estava lentamente se abrindo para um novo momento. Portanto, a canção é eficaz para abordarmos os principais processos históricos de transição da Ditadura Civil-Militar Brasileira (1964-1985), como a Emenda Dante de Oliveira (1983), a campanha das "Diretas Já" (1983-1984), a eleição indireta do candidato civil Tancredo Neves e a posse de seu vice, José Sarney, em 1985.

2.1.9. Nome aos Bois - Titãs (1987) (9º Ano)

<i>Garrastazu, Stálin</i>	<i>Flávio</i>
<i>Erasmo Dias,</i>	<i>Cavalcante</i>
<i>Franco Lindomar</i>	<i>Adolf</i>
<i>Castilho, Nixon</i>	<i>Hitler</i>
<i>Delfim, Ronaldo</i>	<i>Borba Gato,</i>
<i>Bôscoli Baby Doc,</i>	<i>Newton Cruz</i>
<i>Papa Doc</i>	<i>Sérgio Dourado,</i>
<i>Mengele, Doca Street, Rockefeller</i>	<i>Idi Amin Plínio</i>
<i>Afanásio, Dulcídio Wanderley</i>	<i>Correia de Oliveira</i>
<i>Boschillia Pinochet, Gil Gomes</i>	<i>Plínio Salgado</i>
<i>Reverendo Moon, Jim Jones (hey!)</i>	<i>Mussolini, Truman</i>
<i>General Custer</i>	<i>Khomeini, Reagan</i>
	<i>Chapman, Fleury, ih, ih, ih...</i>

Quadro 11. Dados curriculares relacionados ao conteúdo x letra de música

Unidade Temática	Modernização, ditadura civil- militar e redemocratização : o Brasil após 1946
Objetos de conhecimento	Os anos 1960: revolução cultural? A ditadura civil-militar e os processos de resistência. As questões indígena e negra e a ditadura.
Habilidades	(MS.EF09HI19.s.22) Identificar e compreender o processo que resultou na ditadura civil-militar no Brasil e discutir a emergência de questões relacionadas à memória e à justiça sobre os casos de violação dos direitos humanos.
Ações didáticas	Esta habilidade consiste em explicar o processo que resultou no golpe civil-militar de 1964 e na instalação da ditadura (1964-1985) e reconhecer a importância da Comissão Nacional da Verdade, que investigou as violações de direitos humanos cometidos entre 1946 e 1988 por agentes públicos e pessoas ao seu serviço, com apoio ou no interesse do Estado brasileiro. Pode-se propor identificar as diferenças entre as duas faces do regime que se implantou no Brasil em 1964: de um lado, a aparência democrática por manter os três poderes, as eleições (indiretas) e o sistema partidário (controlado) e, de outro lado, a realidade dos bastidores do poder, marcada pela repressão militar e violação dos direitos humanos (prisões, tortura, cassação de mandatos políticos e exílio) e pelo Ato Institucional no 5 (1968-1978). Nessa linha, é importante discutir as duas versões do regime: para os militares, foi uma “contrarrevolução” que evitou a “comunização” do país; para a oposição, uma ditadura que impediu o processo de democratização do país. Pode-se aprofundar a habilidade propondo o papel do general Geisel: teria sido o condutor da distensão lenta e gradual para a pacífica transição democrática ou o presidente frio que autorizou o assassinato de opositores do regime, conforme documento da CIA revelado em 2018?

	<p>Nessa discussão, é fundamental atentar para o fato de que, em 2010, o Brasil foi condenado na Corte Interamericana de Direitos Humanos da OEA pelos crimes cometidos pelo regime militar durante a guerrilha do Araguaia (1972-1974) e por não ter punido os responsáveis por sequestros, torturas e desaparecimentos. O governo brasileiro se justificou afirmando que a Lei da Anistia de 1979 impedia a investigação e os julgamentos dos crimes. A Lei de Anistia foi revalidada em 2010 pelo Supremo Tribunal Federal. Vale ressaltar que ao abordar a temática com a denominação civil-militar, espera-se que o estudante investigue e perceba que tal denominação, remete a um dos mais significativos fatores desse processo, qual seja, a participação de setores influentes da sociedade civil, que impetrhou apoio ao golpe militar, pois renegava as medidas ditas, progressistas, tomadas pelo então governo. Além de compreender o processo e caracterizá-lo, é relevante discutir sobre a memória desse período e a efetivação ou não, da justiça. Tal discussão poderá ser pautada por fontes diversas.</p>
Documento	Currículo de referência de Mato Grosso do Sul: ensino fundamental (2019), p. 783

Fonte: elaborado pelo autor (2024) a partir dos dados coletados do Currículo de Referência de Mato Grosso do Sul: Ensino fundamental (2019)

De modo geral, toda a obra dos Titãs é famosa por sua franqueza nas letras, mas talvez a música “Nome aos bois” seja a mais explícita e radical de todas, pois ela, sem rodeios, como em uma espécie de “nu frontal”, denuncia citando por nome diferentes personagens históricos, boa parte ditadores de governo autoritários. Citando detalhes do processo de gravação e composição deste o álbum, o jornalista Ricardo Alexandre, comenta (2017):

Liricamente, também o grupo progredia. Se “O inimigo” e a faixa-título revelavam uma feliz relação com o minimalismo, “Nome aos bois” ia muito além, com sua letra sem verbos ou artigos, apenas uma lista negra de 34 nomes próprios (Garrastazu/ Stalin/ Erasmo Dias/ Franklin...), pinçados entre desafetos do grupo, do rock brasileiro (Ronaldo Bôscoli) e da liberdade de expressão de um modo geral (Alexandre, 2017, p. 456).

Desse modo, tal letra incluímos nesta lista, pois certamente possui virtudes para ser um ferramental para a análise da atuação política de personagens históricos brasileiros e internacionais, sendo alguns deles, Garrastazu Médici (1905-1985), que governou o Brasil de 1969-1974, e Augusto Pinochet (1915-2006) que esteve à frente da ditadura chilena de 1973 até 1990. Esta análise está em conformidade com a habilidade EF09HI29 da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que consiste em: “Descrever e analisar as experiências ditatoriais na América Latina, seus procedimentos e vínculos com o poder, em nível nacional e internacional, e a atuação de movimentos de contestação às ditaduras”.

2.1.10. Alagados – Os Paralamas do Sucesso (1986) (9º Ano)

*Todo dia
O sol da manhã vem e lhes desafia
Traz do sonho pro mundo
Quem já não queria
Palafitas, trapiches, farrapos
Filhos da mesma agonia, ô
E a cidade
Que tem braços abertos num cartão postal
Com os punhos fechados da vida real
Lhe nega oportunidades
Mostra a face dura do mal, ô
Alagados, Trenchtown, Favela da Maré
A esperança não vem do mar
Nem das antenas de TV
A arte de viver da fé
Só não se sabe fé em quê
A arte de viver da fé
Só não se sabe fé em quê
Todo dia
O sol da manhã vem e lhes desafia
Traz do sonho pro mundo
Quem já não queria
Palafitas, trapiches, farrapos
Filhos da mesma agonia
E a cidade
Que tem braços abertos num cartão postal
Com os punhos fechados da vida real
Lhe nega oportunidades
Mostra a face dura do mal
Alagados, Trenchtown, Favela da Maré
A esperança não vem do mar
Nem das antenas de TV
A arte de viver da fé*

*Só não se sabe fé em quê
A arte de viver da fé
Só não se sabe fé em quê
Alagados, Trenchtown, Favela da Maré
A esperança não vem do mar
Nem das antenas de TV
A arte de viver da fé
Só não se sabe fé em quê
A arte de viver da fé
Só não se sabe fé em quê
Alagados, Trenchtown, Favela da Maré
A esperança não vem do mar
Nem das antenas de TV
A arte de viver da fé
Só não se sabe fé em quê
A arte de viver da fé
Só não se sabe fé em quê
Ô, Alagados, Trenchtown, Favela da Maré
A esperança não vem do mar
Nem das antenas de TV
A arte de viver da fé
Só não se sabe fé em quê
A arte de viver da fé
Só não se sabe fé em quê
Mas a arte é de viver da fé
Só não se sabe fé em quê
A arte é de viver da fé
Só não se sabe fé em quê
A arte de viver da fé
Só não se sabe fé em quê
A arte é de que?
É de de viver da fé (é de que?)
É de de viver da fé*

Quadro 12. Dados curriculares relacionados ao conteúdo x letra de música

Fonte: elaborado pelo autor (2024) a partir dos dados coletados do Currículo de Referência de Mato Grosso do Sul: Ensino fundamental (2019)

Unidade Temática	Modernização, ditadura civil-militar e redemocratização: o Brasil após 1946
Objetos de conhecimento	O Brasil da era JK e o ideal de uma nação moderna: a urbanização e seus desdobramentos em um país em transformação
Habilidades	(MS.EF09HI17.s.20) Identificar e analisar processos sociais, econômicos, culturais e políticos do Brasil a partir de 1946.
Ações didáticas	A habilidade consiste em traçar um panorama histórico do Brasil de 1946-1964, destacando os conflitos políticos, ameaças de golpe, aspirações populares e mudanças econômicas e sociais ocorridas no período. A habilidade exige retomar aprendizados anteriores (MS.EF09HI06.s.07) e se complementa com a habilidade seguinte (MS.EF09HI18.s.21), tendo por cenário internacional o contexto da Guerra Fria (MS.EF09HI28.s.32), cuja polarização interferiu nos rumos da história do país. À luz desse contexto, é possível avaliar a dimensão que os acontecimentos tiveram na época e a manipulação da opinião pública. Espera-se que analisar o referido período da história do Brasil o estudante perceba que, apesar das contradições, foi um momento de retomada de instâncias democráticas e direitos civis. É viável suscitar discussões quanto a fragilidade histórica da democracia brasileira. Pode-se propor a pesquisa de arquivos de grandes jornais para coletar informações do período observando suas manchetes, os títulos alarmistas referentes à política nacional e o medo da infiltração comunista na sociedade. Pode-se, também, complementar a habilidade propondo discutir o papel das mídias impressas e do rádio na formação da opinião pública e perceber o caminho que estava sendo preparado para o golpe militar que foi dado em 1964.
Documento	Currículo de referência de Mato Grosso do Sul: ensino fundamental (2019), p. 782.

Fonte: elaborado pelo autor (2024) a partir dos dados coletados do Currículo de Referência de Mato Grosso do Sul: Ensino fundamental (2019)

Por notar *in loco* as condições miseráveis de vida do complexo de Favelas da Maré, bairro localizado na Zona Norte da capital fluminense, o vocalista Herbert Vianna inspirou-se para escrever a citada letra. Além disso, após a bem-sucedida apresentação da banda Os Paralamas do Sucesso no primeiro festival Rock In Rio de 1985, o conjunto passou a realizar um maior número de shows por todas as regiões do Brasil, o que lhes possibilitou conhecer mais profundamente as distintas realidades sociais e econômicas do país. Por essas razões a canção *Alagados* pode fornecer ao aluno instrumentos que lhe permitem observar e analisar a sociedade brasileira dos anos 1980, com suas muitas contradições econômicas e sociais, tendo, por exemplo, ‘os braços abertos num cartão postal’, mas, estar com ‘os punhos fechados da vida real’, ao excluir os mais pobres.

2.1.11. Perplexo - Os Paralamas do Sucesso (1989) (9º Ano)

*Tentei te entender
 Você não soube explicar
 Fiz questão de ir lá ver
 Não consegui enxergar
 Desempregado, despejado, sem ter onde
 cair morto
 Endividado sem ter mais com que pagar
 Nesse país, nesse país, nesse país
 Que alguém te disse que era nosso
 Mandaram avisar
 Que agora tudo mudou
 Eu quis acreditar
 Outra mudança chegou*

*Fim da censura, do dinheiro, muda nome,
 corta zero
 Entra na fila de outra fila pra pagar
 Quero entender, quero entender, quero
 entender
 Tudo o que eu posso e o que não posso
 Não penso mais no futuro
 É tudo imprevisível
 Posso morrer de vergonha
 Mas eu ainda estou vivo
 Segunda-feira, Terça-feira, Quarta-feira
 Quinta-feira, Sexta-feira, Sábado de
 aleluia
 Eu vou lutar, eu vou lutar
 Eu sou Maguila, não sou Tyson*

Quadro 13. Dados curriculares relacionados ao conteúdo x letra de música

Unidade Temática	Modernização, ditadura civil-militar e redemocratização: o Brasil após 1946
Objetos de conhecimento	Os anos 1960: revolução cultural? A ditadura civil-militar e os processos de resistência. As questões indígena e negra e a ditadura.
Habilidades	(MS.EF09HI20.s.23). Discutir os processos de resistência e as propostas de reorganização da sociedade brasileira durante a ditadura civil-militar.
Ações didáticas	Entrevistas com pessoas que viveram aqueles anos também podem fornecer informações, como: os sequestros dos embaixadores dos Estados Unidos e da Suíça (1969), o arrocho salarial e a repressão às greves de 1968, o exílio de Caetano Veloso, Gilberto Gil e outros em 1969, a grande seca do Nordeste de 1970, a epidemia de meningite (1971-1977), a conquista do tricampeonato mundial de futebol (1970), a morte de Vladimir Herzog (1975) e do operário Manuel Fiel Filho, as greves do ABC paulista (1978), o Movimento do Custo de Vida (1978), o disparo da inflação a partir de 1981, o atentado ao Rio Centro (1981), os saques a supermercados (1983) e a Campanha pelas Diretas Já (1984). Espera-se que o estudante compreenda e valorize o significado dos movimentos de resistência para a condição de democracia, extensão de direitos civis e liberdade, dos quais a sociedade dispõe nos dias atuais.
Documento	Curriculo de referência de Mato Grosso do Sul: Ensino Fundamental (2019), p.784

Fonte: elaborado pelo autor (2024) a partir dos dados coletados do Curriculo de Referência de Mato Grosso do Sul: Ensino fundamental (2019)

A letra da música *Perplexo* dos Paralamas do Sucesso pode ser utilizada em uma aula de História para analisar a década de 80, período marcado por grandes transmutações políticas,

sociais e econômicas. A música oferece elementos que podem enriquecer a discussão desse contexto histórico. As abordagens possíveis são: o contexto político e social dos anos 1980, pois a música faz referência ao fim da censura e à mudança política, o que pode ser usado como ponto de partida para analisar o processo de redemocratização no Brasil e a luta pela liberdade de expressão e pelos direitos civis.

Crise econômica: As referências a desemprego, despejos e dívidas e falta de perspectiva do cidadão brasileiro, nos permitem refletir sobre as crises econômicas que o país enfrentou nesse período, tendo como resultado a Hiperinflação e a recessão, e seus impactos no cotidiano da população, além dos múltiplos planos econômicos implantados com a intenção de combater a alta dos preços e a desvalorização da moeda nacional - Plano Cruzado (1986), Plano Cruzado II (1986), Plano Bresser (1987), Plano Verão (1989), Planos Collor I (1990).

2.1.12. Censura - Plebe Rude (1987) (3º Ano)

<i>Unidade repressora oficial</i>	<i>Unidade repressora oficial</i>
<i>Unidade repressora oficial</i>	<i>Unidade repressora oficial</i>
<i>A censura, a censura</i>	<i>Unidade repressora oficial</i>
<i>Única entidade que ninguém censura</i>	<i>Unidade repressora oficial</i>
<i>A censura, a censura</i>	<i>Unidade repressora oficial</i>
<i>Única entidade que ninguém censura</i>	<i>Unidade repressora oficial</i>
<i>Hora pra dormir</i>	<i>Unidade repressora oficial</i>
<i>Hora pra pensar</i>	<i>A censura, a censura</i>
<i>Porras meu papai</i>	<i>Única entidade que ninguém censura</i>
<i>Deixe-me falar</i>	<i>A censura, a censura</i>
<i>Hora pra dormir</i>	<i>Única entidade que ninguém censura</i>
<i>Hora pra pensar</i>	<i>Nada para ouvir, nada para ler</i>
<i>Porras meu papai</i>	<i>Nada para mim, nada pra você</i>
<i>Deixe-me falar</i>	<i>Nada no cinema, nada nas TVs</i>
<i>Unidade repressora oficial</i>	<i>Nada para mim, nada pra você</i>
<i>Unidade repressora oficial</i>	<i>Unidade repressora oficial</i>
<i>A censura, a censura</i>	<i>Unidade repressora oficial</i>
<i>Única entidade que ninguém censura</i>	<i>Unidade repressora oficial</i>
<i>A censura, a censura</i>	<i>Unidade repressora oficial</i>
<i>Única entidade que ninguém censura</i>	<i>Unidade repressora oficial</i>
<i>Contra a nossa arte está a censura</i>	<i>Unidade repressora oficial</i>
<i>Abaixo a postura, viva a ditadura</i>	<i>Unidade repressora oficial</i>
<i>Jardel com travesti, censor com bisturi</i>	<i>Unidade repressora oficial</i>
<i>Corta toda música que você não vão ouvir</i>	<i>Unidade repressora oficial</i>

Quadro 14. Dados curriculares relacionados ao conteúdo x letra de música

Unidade Temática	Indisponível
Componente Curricular	História
Habilidades Objetos do conhecimento	Ditadura Militar no Brasil e Redemocratização
Sugestões Didáticas	Pesquisa, em diversas fontes, sobre o período do Regime Militar no Brasil e seus processos histórico-político-sociais de estado que trouxeram conflitos de interesses.
Documento	Curriculum de referência de Mato Grosso do Sul: ensino fundamental (2019), p. 296

Fonte: elaborado pelo autor (2024) a partir dos dados coletados do Currículo de Referência de Mato Grosso do Sul: Ensino fundamental (2019)

Um bom número de obras foram compostas pelos artistas da Música Popular Brasileira (MPB) com o intuito de criticar os abusos praticados durante o período da Ditadura Civil-Militar Brasileira (1964-1985), como, por exemplo, foi o caso da canção *Pra não dizer que não falei das flores*, de Geraldo Vandré. A música foi classificada em segundo lugar no Festival da

Canção realizado no Rio de Janeiro, em 1968, posteriormente, considerada "subversiva" pelos militares. Conquistando o público jovem, principalmente os estudantes universitários, a canção de Vandré difundiu-se pelo país e tornou-se praticamente um hino de contestação ao regime. Podemos citar também a enfática letra de *Cálice* escrita em 1973 por Chico Buarque e Gilberto Gil, sendo possível ser lançada apenas em 1978, justamente por ter sido censurada pela ditadura. Porém, tais letras por não serem classificadas no gênero rock e também por não terem sido compostas no período histórico que será nosso recorte temporal – a década de 1980 – não serão analisadas nesta dissertação.

Todavia, com versos tais como “contra nossa arte está a censura”; “A censura, única entidade que ninguém censura”, a canção *Censura* do grupo Plebe Rude, do álbum *Nunca Fomos Tão Brasileiros* de 1987, mostra sua singularidade, através de sua crítica direta à censura imposta pelo Regime Militar Brasileiro (1964-1985), ainda existente nos anos primeiros anos da década de 1980. A letra critica a repressão e a violência impostas pelos controles estatais para impedir a livre expressão e discussão de ideias na sociedade brasileira. Em suma, a mensagem da canção é de denúncia e resistência à censura e a opressão, e de defesa do direito à liberdade de expressão e à democracia, pois a abertura política dos anos 1980, mesmo lenta, sofria reações da chamada “linha dura” do regime. Ou seja, a letra constitui-se um material apropriado para analisarmos não só os anos de maior repressão da Ditadura, olhando assim em retrospecto, mas também o próprio período da redemocratização.

2.1.13. Alívio Imediato - Engenheiros do Hawaii (1989) (3º Ano)

*O melhor esconderijo, a maior escuridão
Já não servem de abrigo, já não dão
proteção
A Líbia é bombardeada, a libido e o vírus
O poder, o pudor, os lábios e o batom*

*O melhor esconderijo, a maior escuridão
Já não servem de abrigo, já não dão
proteção
A Líbia é bombardeada, a libido e o vírus
O poder, o pudor, os lábios e o batom*

*Que a chuva caia como uma luva
Um dilúvio, um delírio
Que a chuva traga
Alívio imediato*

*Que a noite caia
De repente caia
Tão demente quanto um raio
Que a noite traga
Alívio imediato*

*Há espaço pra todos, há um imenso vazio
Nesse espelho quebrado por alguém que
partiu
A noite cai de alturas impossíveis
E quebra o silêncio e parte o coração*

*Há um muro de concreto entre nossos lábios
Há um muro de Berlim dentro de mim
Tudo se divide, todos se separam
(Duas Alemanhas, duas Coreias)
Tudo se divide, todos se separam*

*Que a chuva caia como uma luva
Um dilúvio, um delírio
Que a chuva traga
Alívio imediato*

*Que a noite caia
De repente caia
Tão demente quanto um raio
Que a noite traga
Alívio imediato*

*(Tudo se divide, tudo se separa
Tudo se divide, tudo se separa)*

*Que a chuva caia como uma luva
Um dilúvio, um delírio
Que a chuva traga
Alívio imediato*

*Que a noite caia
De repente caia
Tão demente quanto um raio
Que a noite traga
Alívio
Alívio
Alívio
Alívio*

Quadro 15. Dados curriculares relacionados ao conteúdo x letra de música

Objetos de conhecimento	Mundo Bipolar: socialismo X capitalismo; Guerra Fria; Futuro da economia mundial.
Habilidades	(MS.EM13CHS402) Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica.
Ações didáticas	O professor pode, inicialmente, fazer uma retomada dos aspectos conflitantes do término da Segunda Guerra Mundial, entre as potências EUA e URSS e solicitar que os estudantes façam uma pesquisa, em diferentes fontes confiáveis, abordando a Guerra Fria, para que estes entendam e reconheçam as principais características desse conflito. Roda de conversa para análise e discussão dos elementos importantes dos projetos econômicos dos EUA e da URSS, destacando as consequências e os resultados produzidos pela Conferência de Paz, para produção de um ensaio sobre a Guerra Fria e apresentação em sala de aula.
Documento	Curriculum de referência de Mato Grosso do Sul: Ensino Médio (2019), p. 286

Fonte: Curriculum de Referência de Mato Grosso do Sul: Ensino Médio e Novo Ensino Médio (2020).

Adaptação: o autor (2024)

O mundo bipolar da época da Guerra Fria (1945-1991) foi marcado pela disputa entre o capitalismo e o socialismo, tidos como dois sistemas políticos e socioeconômico alternativos e antagônicos. A letra da canção *Alívio Imediato*, dos Engenheiros do Hawaii, traz frases bem apropriadas para os docentes trabalharem esse período histórico, as frases são: “A Líbia é bombardeada”, “Há espaço pra todos”, “Há um muro de concreto entre nossos lábios”, “Há um muro de Berlim dentro de mim”, “Tudo se divide, todos se separam”, “(Duas Alemanhas, duas Coreias)”. As frases citadas auxiliarão o docente a exercer sua prática pedagógica em conformidade com as diretrizes estabelecidas tanto pela BNCC quanto pelo Curriculum de Referência de Mato Grosso do Sul para o Ensino Médio (2019).

2.1.14. Selvagem - Os Paralamas do Sucesso (1986) (3º Ano)

<i>A polícia apresenta suas armas Escudos transparentes, cassetetes Capacetes reluzentes E a determinação de manter tudo Em seu lugar</i>	<i>A cidade apresenta suas armas Meninos nos sinais, mendigos pelos cantos E o espanto está nos olhos de quem vê O grande monstro a se criar</i>
<i>O governo apresenta suas armas Discurso reticente, novidade inconsistente E a liberdade cai por terra Aos pés de um filme de Godard</i>	<i>Os negros apresentam suas armas As costas marcadas, as mãos calejadas E a esperteza que só tem quem tá Cansado de apanhar</i>

Quadro 16. Dados curriculares relacionados ao conteúdo x letra de música

Objetos de conhecimento	(MS.EM13CHS503) O papel da mulher na sociedade em contextos históricos; Violência simbólica com indígenas, negros e latinos.
Habilidades	(MS.EM13CHS402) Analisar e comparar indicadores de emprego, trabalho e renda em diferentes espaços, escalas e tempos, associando-os a processos de estratificação e desigualdade socioeconômica.
Ações didáticas	Pesquisa de textos ou excertos de textos clássicos, filmes épicos, documentários e outras mídias que retratem o papel da mulher na sociedade em diversos contextos históricos. Análise das condições e dos espaços sociais impostos às mulheres em diferentes tempos históricos, ampliando o olhar dos estudantes a fim de que estes dialoguem com questões de gênero, destacando, sobretudo, as lutas e conquistas das mulheres em diversos setores da sociedade. O professor pode solicitar aos estudantes que escrevam poesias, sobre o tema estudado, para serem apresentadas em slam.
Documento	Curriculum de referência de Mato Grosso do Sul: Ensino Médio (2019), p. 293

Fonte: elaborado pelo autor (2024) a partir dos dados coletados do Curriculum de Referência de Mato Grosso do Sul: Ensino médio (2019)

Além dos impactantes sons de guitarra e bateria presentes na música, a letra de *Selvagem* é um denso e brilhante material para docentes de História analisarem os problemas contemporâneos da vida urbana, as questões sociais, a marginalização de moradores de rua e temas mais específicos como a violência policial e o racismo (atendendo a Lei 10.639/2008 e a Lei 11.645/2008 que tornaram obrigatório o ensino da História e cultura africana e afro-brasileira no currículo escolar). Outra possibilidade oferecida pela letra é a análise da censura imposta em 1986 no Brasil ao filme “Je vous salue, Marie” (“Eu Vos Saúdo Maria”), do cineasta franco-suíço Jean-Luc Godard durante o governo de José Sarney (1985-1990).

A seguir descrevemos (no capítulo 3) de que forma será elaborado o produto para uso dos profissionais que ministram aulas de História na Educação Básica Brasileira.

3. O USO DE LETRAS DE ROCK NO ENSINO DE HISTÓRIA: PRODUTO FINAL

O uso das letras de rock no ensino de História tem sido explorado e discutido em vários artigos científicos ao longo dos anos. São pontos-chave sobre esse tema, com base na literatura levantada:

- a) Engajamento dos alunos: Muitos estudos destacam que as letras de rock podem aumentar o interesse e o engajamento dos alunos nas aulas de história. A música é uma forma de arte acessível e familiar para muitos alunos, e as letras de rock muitas vezes abordam temas históricos de maneira envolvente e emocional.
- b) Contextualização histórica: As letras de rock podem oferecer uma maneira única de contextualizar eventos históricos, fornecendo insights sobre o contexto social, político e cultural de uma determinada época. Os professores podem usar letras de músicas para ajudar os alunos a compreenderem melhor o significado e o impacto dos eventos históricos.
- c) Interpretação crítica: Analisar as letras de rock pode ajudar os alunos a desenvolver habilidades de pensamento crítico, permitindo-lhes questionar e interpretar as mensagens e os significados por trás das músicas. Isso pode incluir a discussão sobre as perspectivas dos compositores, as mensagens políticas implícitas ou explícitas e as representações históricas.
- d) Diversidade de temas e períodos históricos: O rock abrange uma ampla variedade de estilos e temas, o que significa que há uma riqueza de material disponível para explorar diferentes períodos históricos e eventos. Desde músicas sobre revoluções e guerras até canções sobre movimentos sociais e culturais, o rock oferece uma gama diversificada de recursos para o ensino de história.
- e) Integração de diferentes disciplinas: Além de história, as letras de rock podem ser integradas a outras disciplinas, como literatura, música, sociologia e ciência política. Isso permite uma abordagem interdisciplinar que enriquece a compreensão dos alunos sobre os eventos históricos e seu impacto em diferentes aspectos da sociedade.

No entanto, é importante notar que, embora as letras de rock possam ser um recurso valioso no ensino de história, elas também apresentam desafios, como a necessidade de selecionar criteriosamente músicas apropriadas para a faixa etária dos alunos e garantir uma análise crítica e contextualizada das letras. Além disso, é essencial reconhecer que as músicas refletem perspectivas individuais e podem não capturar completamente a complexidade de eventos históricos. Portanto, o uso de letras de rock deve ser complementado com outras fontes

e métodos de ensino para oferecer uma compreensão abrangente e equilibrada da história. Aponta-se, que mesmo durante a voga do positivismo, a música – sendo os hinos nacionais de grande relevância para compreender a história nacionalista e baseada em “heróis” e documentos – não era utilizada como fonte ou recurso didático. Novas correntes historiográficas surgiram, abrindo assim um leque de possibilidade para o uso de novas fontes, como as imagens, narrativas, e a música. Nesse contexto, Foucault (2008, p. 8) aponta: “O documento não é o feliz instrumento de uma história que seja, em si própria e com pleno direito, memória: a história é a maneira de uma sociedade dar estatuto e elaboração a uma massa documental que não se separa”. De acordo com o autor, a História que – em outros tempos – transformava monumentos em documentos, passa a decifrar os vestígios deixados pelo homem.

Deste modo, é necessário que o professor faça a mediação, entre as letras de rock e os contextos históricos apresentados, por demais materiais, como excertos de textos, imagens, vídeos e pesquisa. Conforme explica Pinsky (2000),

É necessário, portanto, que o ensino de História seja revalorizado e que os professores dessa disciplina conscientizem-se de sua responsabilidade social perante os alunos, preocupando-se em ajudá-los a compreender e – esperamos – a melhorar o mundo em que vivem. Para isso, é bom não confundir informação com educação. Para informar aí estão, bem à mão, jornais e revistas, a televisão, o cinema e a internet. Sem dúvida que a informação chega pela mídia, mas só se transforma em conhecimento quando devidamente organizada. E confundir informação com conhecimento tem sido um dos grandes problemas de nossa educação... Exatamente porque a informação chega aos borbotões, por todos os sentidos, é que se torna mais importante o papel do professor (Pinsky, 2000, p.22).

Conforme afirmado anteriormente, o produto final visa demonstrar essa possibilidade de mediação entre os instrumentos didáticos citados – as letras de rock da década de 1980 – com fontes variadas. Essa proposta é apresentada como um guia – destinado aos docentes de História da educação básica. O objetivo geral da produção deste produto é apoiar a construção do saber auxiliando os professores de História a dinamizarem o seu atuar em sala por meio do uso das letras do rock brasileiro dos anos 80, tornando o processo educativo mais dinâmico e agradável.

3.1. ORGANIZAÇÃO E SELEÇÃO DE MATERIAIS

Acerca do percurso metodológico, conta-se que, para a parte teórica será utilizada a pesquisa bibliográfica em material especializado (livros, revistas, sites, dentre outros) e para a produção visual, serão utilizados sites que disponibilizem bancos gratuitos de imagens ou possibilitem a criação de imagens. O material didático está organizado e programado adequadamente, escrito em linguagem acessível e informal, minimizando as possíveis

dificuldades que o professor possa encontrar, contribuindo para sua eficácia. Além disso, o produto será confeccionado considerando os ditames norteadores da educação nacional, tais como A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os Referenciais Curriculares do Estado de Mato Grosso do Sul, que se alinham ao documento federal.

As fontes utilizadas podem ser as mais variadas, sendo elas: livros, artigos, revistas especializadas, *sites*, documentários e/ou vídeos disponíveis em plataformas de *Streaming* (YouTube, Netflix, por exemplo), álbuns musicais disponíveis em meios físicos (LPs, CDs, fitas K7) ou virtuais (MP4, MP3, WMA, dentre outros).

O formato final do arquivo será a extensão “PDF”, possibilitando o acesso e o *download* por meio de uma série de dispositivos (Notebooks, Smartphones, Tablets, etc.). Os recursos visuais inseridos serão capazes de estimular o docente, que, por consequência no motivará seus alunos no processo de ensino-aprendizagem.

O guia, como material de apoio didático, terá uma estrutura organizada em busca de facilitar o trabalho do professor, dividido em seções:

- a) **Capa:** apresenta o título do guia (“*Como usar o rock brasileiro nas aulas de História*”).
- b) **Sumário:** lista todas as seções do guia, permitindo ao leitor acessar facilmente o conteúdo desejado.
- c) **Introdução:** apresenta o objetivo do guia e o que os professores de História podem esperar dele.
- d) **Desenvolvimento:** Apresenta os conteúdos e respectivas letras do rock nacional que poderão ser trabalhadas nas aulas de História e, logo em seguida, serão incluídos exercícios e/ou atividades que permitirão ao professor além de ministrar o conteúdo, estimular seus alunos a refletirem sobre os temas abordados e verificarem seu próprio aprendizado.
- e) **Aspectos visuais:** O guia é composto de modo a prezar pela objetividade, clareza e organização das informações. Para atingir tal objetivo ele possuirá recursos tais como imagens, infográficos, tabelas, exemplos, entre outros. Terá um *design* geral atraente e utilizará uma linguagem acessível para o seu público-alvo (professores de História).
- f) **Conclusão:** Essa seção resumirá os principais conteúdos apresentados no guia e apontará sugestões de leituras adicionais.
- g) **Bibliografia do produto:** Este campo listará as fontes utilizadas na criação do guia, possibilitando tanto educadores, quanto os estudantes, explorarem e se aprofundarem nos temas abordados de acordo com suas necessidades e preferências musicais.

Nesta dissertação, optou-se pelas letras de rock da década de 1980, o que pode despertar para a utilização de letras de demais gêneros e períodos musicais. Como intermédio de pesquisa bibliográfica, utiliza-se relevantes publicações sobre o tema, tais como, livros, revistas especializadas e demais fontes do gênero.

3.1.1. Bibliografia auxiliar

Dentre a bibliografia levantada, destaca-se:

- *Brock: o rock brasileiro dos anos 80*, São Paulo: Editora 34, 1996. (Arthur Dapieve);
- *Rock Brasileiro. 1955-1965*. São Paulo: Edicon, 1989, de Albert Pavão;
- *Dias de luta: o rock e o Brasil dos anos de 1980*. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2002, de Ricardo Alexandre;
- *História e Música: história cultural da música popular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, de Marcos Napolitano;
- *O que é rock*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros Passos) de Paulo Chacon;
- *Noites tropicais: solos, improvisações e memórias*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, de Nelson Motta;
- *Breve História do Rock Brasileiro*. São Paulo: Claridade, 2007, de Ayrton Mugnaini;
- *O que é Música*. 2º Ed. São Paulo. Editora Brasiliense, 1983, de J.J. Moraes;
- *Rock, nos passos da moda: Mídia, consumo x Mercado Cultural*. Campinas, SP: Papirus, 1989, de Tupã Gomes Correa;
- *Tropicália: a história de uma revolução musical*. São Paulo: Editora 34, 1997, de Carlos Calado;

E dentre os trabalhos científicos, destaca-se as Dissertações de Mestrado:

De lugar nenhum a Bora Bora: identidades e fronteiras simbólicas nas narrativas do “rock brasileiro dos anos 80”. 2005. – UFRJ, PPGSA, Rio de Janeiro (RJ); de Júlio Naves Ribeiro;

Brasil mostra a tua cara: rock nacional, mídia e a redemocratização política (1982-1989). 2009. 192 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2009, de Paulo Gustavo da Encarnação.

Outros recursos explorados na pesquisa serão os LPs (Long Plays) lançados pelos artistas em questão, que trazem importantes informações não apenas sonoras, mas também impressas em suas capas e álbuns.

3.1.2. Referencial teórico da pesquisa

A base teórica pauta-se na hermenêutica abordada pelo filósofo francês Paul Ricoeur (1913-2005) em sua obra. Hermenêutica para Ricoeur é classificada como “a teoria das operações de compreensão”. Assim sendo, comprova-se ser um recurso apropriado para se compreender as expressões simbólicas e culturais, incluindo a música e suas letras, possibilitando, assim, não só uma análise dos fatos históricos ocorridos no período em questão, mas também uma reflexão sobre os valiosos conteúdos dos textos musicais produzidos. Ao utilizarmos o recurso da hermenêutica iremos analisar como o chamado “BRock” (Rock Brasileiro) foi usado por seus autores como uma voz de protesto para transmitir mensagens, ou seja, extraíndo dela seu valor histórico. A obra "A Ordem do Discurso" de Michel Foucault (1926-1984) nos ajudará a compreender o papel do discurso na formação das realidades culturais e sociais.

E, em se tratando das letras (texto) ou das músicas (melodias) produzidas pelo rock nacional, naturalmente, ambos tiveram o interesse de dizer algo sobre alguma coisa a alguém de forma impactante - uma característica inerente do estilo. Ricoeur cita que:

[...] ao caracterizar a interpretação como apropriação, pretende-se sublinhar o caráter ‘atual’ da interpretação: a leitura é como a execução de uma partitura musical; ela marca a efetuação, o tornar-se ato, das possibilidades semânticas do texto. [...] vitória sobre a distância cultural, fusão da interpretação do texto com a interpretação de si mesmo. Com efeito, essa característica de efetuação própria à interpretação revela um aspecto decisivo da leitura, a saber, que ela completa o discurso do texto em uma dimensão semelhante àquela da fala [parole]. O que é aqui retido da noção de fala não é que ela seja proferida, mas sim que ela seja um acontecimento, um acontecimento do discurso, a instância do discurso, como disse Benveniste. As frases do texto significam *hic et nunc*. Assim o texto ‘atualizado’ encontra uma atmosfera e um público; ele retoma seu movimento, interceptado e suspenso, de referência em direção a um mundo e a sujeitos. Esse mundo é aquele do leitor; esse sujeito é o próprio leitor. Na interpretação, digamos, a leitura se torna como uma *parole* (Ricoeur, 1986, p. 153).

Desse modo, o pensamento de Ricoeur nos auxilia a investigar as letras produzidas pelo rock “oitentista”, contextualizando a letra da música dentro de um quadro histórico ou cultural, conectando seus sentidos com outros conceitos e ideias. Seguramente, essa abordagem será muito frutífera ao analisarmos o uso do estilo musical rock em sala de aula, pois a música, como manifestação cultural, é uma forma de linguagem que transmite à sociedade mensagens que

podem adquirir significados através de suas letras, melodias, ritmos e estilos. Sobre tal manifestação, Ricoeur afirma:

Uma história da música constitui-se como uma seqüência técnica de si mesma, com sua motivação até certo ponto longitudinal, mas também como uma série de explosões inventivas ligadas aos grandes criadores, e como um aspecto da época, com suas relações transversais com as outras manifestações da cultura e da vida. (RICOEUR, 1968, p.192).

Em suma, ao utilizarmos a hermenêutica de Paul Ricoeur como guia, concentra-se em como a música pode ser explorada – inicialmente pelo professor, e, posteriormente pelos alunos em sala de aula. Iremos examinar como selecionadas músicas poderão ser utilizadas para transmitir significados, como os alunos a interpretam e como o professor poderá ajudá-los a contextualizar certas letras dentro de um quadro histórico ou cultural, relacionando-a aos conteúdos costumeiramente ministrados nas aulas de História da Educação Básica. Portanto, a já citada hermenêutica estabelecerá os princípios norteadores da interpretação de tais letras e nos auxiliará no processo de desvendar sua utilidade para a compreensão de conceitos históricos e culturais.

Outro teórico que nos auxilia na análise das letras do rock brasileiro é Michel Foucault (1926-1984). Em sua obra “A ordem do discurso”, o autor examina a função das instituições no controle do discurso e como o poder é exercido nessas instituições por meio do discurso. Aborda, por exemplo, o papel do discurso nas instituições como Igreja e Estado, e como essas instituições usam o discurso para exercer controle e manter sua autoridade. Tais instituições tem íntima relação com o conteúdo de certas letras que serão analisadas, como por exemplo: *Selvagem* (Os Paralamas do Sucesso) e *Estado Violência* (Titãs).

Na obra “A ordem do discurso”, Foucault faz reflexões sobre como o discurso se dissemina em diferentes sociedades exercendo, uma função de controle, de limitação e validação das regras de poder. Cita ele,

Suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (Foucault, 2014, p. 8-9)

Portanto, o discurso oficial, considerado por muitos membros de uma sociedade o único legítimo, é superado por meio de um novo olhar da realidade, uma nova perspectiva. A realidade passa, consequentemente, a adquirir um novo sentido.

A obra “A Ordem do Discurso” de Michel Foucault oferece uma análise profunda sobre

o funcionamento do discurso e seu poder na sociedade. Foucault argumenta que o discurso não é simplesmente uma transmissão de informações neutras, mas uma prática que constrói e mantém o poder. Ele sugere que o discurso oficial, aquele que é reconhecido e legitimado pela sociedade, muitas vezes funciona como uma forma de controle e dominação.

Por meio da análise foucaultiana, podemos compreender como discursos considerados como os únicos legítimos e verdadeiros são, na verdade, construções sociais que servem aos interesses de determinados grupos ou instituições de poder. Foucault nos mostra que é possível subverter essa ordem do discurso, revelando as fissuras e contradições presentes no discurso oficial, e, assim, abrir espaço para novas leituras e significados.

No contexto específico das letras de música do rock brasileiro dos anos 1980, podemos ver como essas canções podem ser entendidas como um instrumento de resistência e crítica social após o período da Ditadura Militar Brasileira (1964-1985). Durante a ditadura, houve uma forte censura e repressão à liberdade de expressão, o que levou muitos artistas a se expressarem de forma mais subliminar e alegórica em suas músicas.

Após o fim da ditadura, as letras de música do rock brasileiro dos anos 1980 ganharam um novo tom, tornando-se mais diretas e explícitas em suas críticas à realidade social e política do Brasil. Muitas dessas músicas abordavam temas como a pobreza, a desigualdade social, a violência urbana e a corrupção, expondo as mazelas da sociedade brasileira da época de uma forma que antes não era possível.

3.1.3. Os instrumentos didáticos selecionados: as letras de rock da década de 1980

As músicas podem ser acessadas nas plataformas de áudio e vídeo de preferência do professor, como YouTube, Spotify, Deezer, etc.

Com respeito aos LPs (Long Plays), as fontes elencadas são:

1. Inocentes. Miséria e Fome. [Gravação sonora]. Intérprete: Inocentes. Gravadora: Baratos Afins. Ano de lançamento: 1983.
2. Legião Urbana: Índios. [Gravação sonora]. Intérprete: Legião Urbana. Gravadora: EMI. Ano de lançamento: 1986.
3. Ultraje a Rigor. Inútil. [Gravação sonora]. Intérprete: Ultraje a Rigor. Gravadora: WEA. Ano de lançamento: 1985.
4. Legião Urbana. Fábrica. [Gravação sonora]. Intérprete: Legião Urbana. Gravadora: EMI-Odeon. Ano de lançamento: 1986.

5. Titãs. Homem Primata. [Gravação sonora]. Intérprete: Titãs. Gravadora: WEA. Ano de lançamento: 1986.
6. Titãs. Estado Violência. [Gravação sonora]. Intérprete: Titãs. Gravadora: WEA. Ano de lançamento: 1986.
7. Plebe Rude. Até Quando Esperar. [Gravação sonora]. Intérprete: Plebe Rude. Gravadora: CBS. Ano de lançamento: 1986.
8. Os Paralamas do Sucesso. Alagados. [Gravação sonora]. Intérprete: Os Paralamas do Sucesso. Gravadora: EMI-Odeon. Ano de lançamento: 1986.
9. Os Paralamas do Sucesso. Selvagem. [Gravação sonora]. Intérprete: Os Paralamas do Sucesso. Gravadora: EMI-Odeon. Ano de lançamento: 1986.
10. Plebe Rude. Censura. [Gravação sonora]. Intérprete: Plebe Rude. Gravadora: Warner Music. Ano de lançamento: 1987.
11. Titãs. Nome aos Bois. [Gravação sonora]. Intérprete: Titãs. Gravadora: WEA. Ano de lançamento: 1987.
12. Cazuza. Um Trem Para As Estrelas. [Gravação sonora]. Intérprete: Cazuza. Gravadora: Philips. Ano de lançamento: 1988.
13. Os Paralamas do Sucesso. Perplexo. [Gravação sonora]. Intérprete: Os Paralamas do Sucesso. Gravadora: EMI-Odeon. Ano de lançamento: 1989.
14. Engenheiros do Hawaii. Alívio Imediato. [Gravação sonora]. Intérprete: Engenheiros do Hawaii. Gravadora: BMG Ariola. Ano de lançamento: 1989.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, nesta dissertação destacamos a possibilidade do uso de letras do rock brasileiro dos anos 1980 como recurso didático para o ensino de História na Educação Básica. Considerando não apenas o conteúdo textual das músicas, mas também seu contexto histórico e sua expressão artística, os educadores podem proporcionar aos alunos uma experiência educativa mais envolvente e enriquecedora.

Ao adotarem as letras de músicas como instrumento pedagógico, os professores contribuirão não apenas para promoverem o aprendizado de fatos históricos, mas também incentivarão o desenvolvimento do pensamento crítico e da reflexão sobre a sociedade. As letras de música, ao expressarem os sentimentos, as ideias e os conflitos de uma época, oferecem aos alunos uma perspectiva mais humana e sensível dos eventos históricos, possibilitando uma maior identificação e conexão com o conteúdo estudado.

É importante ressaltar que a utilização das letras do rock brasileiro dos anos 1980 no ensino de História não se restringe a uma mera ilustração histórica, mas sim a uma ferramenta poderosa para a construção do conhecimento e da consciência crítica. Ao reconhecerem o valor das produções artísticas como parte integrante da cultura e da história do Brasil, os educadores certamente contribuirão para a formação de cidadãos mais conscientes, engajados e capacitados para enfrentar os desafios do presente e do futuro.

Portanto, a presente dissertação reforça a importância de se ampliar o repertório pedagógico, incluindo as manifestações artísticas como fontes históricas legítimas. As letras de música ressaltadas, ao proporcionarem uma visão ampla e multifacetada da história, permitirão que os alunos aproximem-se do passado de forma mais íntima e pessoal, tornando o processo de aprendizagem mais significativo e transformador. Isso contribuirá aos estudantes para que desenvolvam gradualmente a consciência do mundo em que vivem: oferecer subsídios ao professor no processo de ensino-aprendizagem, estimulando-o a utilizar letras de música como inovador instrumento de trabalho e o Produto Final (Guia) aponta maneiras de explorá-las.

Notamos que a aula é um processo dinâmico, em que tanto professores quanto os alunos são autores da relação ensino-aprendizagem. Nessa relação, são inúmeras as questões em jogo, como, por exemplo, as diferentes realidades sociocognitivas dos alunos, o momento histórico em que cada tema de estudo é abordado e o contato singular entre professores e alunos.

Em meio a tantos fatores, nosso objetivo é auxiliar professores e alunos na exploração

de trilhas do processo histórico, contribuindo para a construção de uma educação mais significativa. Sabe-se que a análise histórica pode ser realizada por diversas formas, assim, longe de ser algo definitivo, esperamos que o conteúdo desta dissertação seja discutido, ampliado e questionado. Portanto, fica aqui esta sugestão de prática docente por meio do uso de letras do rock brasileiro e minha modesta contribuição para que o rock jamais morra. Viva o Rock and roll!

REFERÊNCIAS

- ABUD, K. M. **A construção da didática da História: algumas ideias sobre o uso do cinema no ensino de História.** Revista História. São Paulo: Unesp, v. 22, n. 1, 2003.
- ALEXANDRE, Ricardo. **Dias de luta: o rock e o Brasil dos anos de 1980.** São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2002.
- ALEXANDRE, Ricardo. **Um conto de duas cidades.** Revista história do rock brasileiro: anos 70. São Paulo: Editora Abril, 2004.
- ALVES, G.L. **A produção da escola pública contemporânea.** 1^a ed. Campinas, SP: Ed. Autores Associados, UFMS, 2001.
- ALZER, Luiz André; MARMO, Hérica; **A Vida Até Parece uma Festa - Uma Biografia dos Titãs;** 2002 - Editora Record.
- ASCENÇÃO, Andréa. **Ultraje a Rigor: Nós vamos invadir sua praia.** Caxias do Sul: Ed. Belas Letras, 2011.
- ARAÚJO, Lucinha; **Cazuza: Só as Mães são Felizes;** Ano: 2004 - Globo Editora.
- BARROS, José D'Assunção. **Fontes Históricas – uma introdução aos seus usos historiográficos.** Petrópolis: Editora Vozes, 2019.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2004.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **O Saber Histórico na Sala de Aula.** São Paulo: Contexto, 2004. - (Repensando o Ensino).
- BOTTOMORE, Tom (Org.). **Dicionário do pensamento marxista.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- BERTOLDI, Maria Tereza Jorgens. **A comunicação visual dos Beatles como sedução no imaginário social e cultural.** 2009. 352 f. Tese. (Doutorado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- CARVALHO, Carlos Marcelo. Renato Russo. O filho da revolução. São Paulo: Planeta do Brasil, 2016.
- CARVALHO, Silvia Helena Meyer; SCAVARDA, Annibal. **As raízes ancestrais da cadeia de suprimentos da música:** uma análise à luz da tecnologia e da economia.
- CERTEAU, MICHEL. **A escrita da História.** tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CHACON, Paulo. O que é rock. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros

Passos)

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

COELHO, Teixeira. **O que é indústria Cultural**. SP: Brasiliense, 1980.

DAPIEVE, Arthur. **Renato Russo: O trovador solitário**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

DAPIEVE, Arthur. **Brock: o rock brasileiro dos anos 80**. São Paulo: Editora 34, 1996.

DINIZ, André e CUNHA, Diogo. **A República Cantada**. Do choro ao funk, a história do Brasil através da música. Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar, 1º edição, 2014.

DUARTE, Ana Rita Fonteles (org). **Imagens sob suspeita: censura e meios de comunicação na ditadura civil-militar brasileira**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017.

ENCARNAÇÃO, Paulo Gustavo da. **“Brasil mostra a tua cara”**: rock nacional, mídia e a redemocratização política (1982-1989). 2009. 192 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/93362>>. Acesso em: 10 dez 2023

FERLA, Marcelo. **Nenhum De Nós. A Obra Inteira De Uma Vida**. Caxias do Sul: Belas Letras, 2016.

FERREIRA, Martins. **Como usar a música na sala de aula**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

FIORAVANTE, A.C.R. **Fontes historiográficas como instrumento didático para o ensino de história regional em Mato Grosso do Sul**: em pauta a ditadura civil-militar. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação – ProfEduc), Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2020.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Luiz Felipe Baeta Neves (Trad.). 7ªed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FONSECA, Thais Nívia de Lima e. **História & ensino de História** / Thais Nívia de Lima e Fonseca. – 2ª. Ed., 1ª. Reimpressão. – Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FRANÇA, Jamari. **Os Paralamas do Sucesso - Vamo Batê Lata**. São Paulo: Editora 34, 2003.

HEWITT, Paolo. **50 fatos que mudaram a história do rock**. Verus Editora, 2013.

HOLLER, Marcos T.. **Os jesuítas e a música no Brasil colonial**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010, p. 12

- HOMEM DE MELLO, Zuza. **A era dos festivais**. Uma parábola. São Paulo: Editora 34, 2003.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, Unicamp, 1996.
- LEVITIN, Daniel J. **A música no seu cérebro: a ciência de uma obsessão humana**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- LUCA, Tania Regina de. **Práticas de Pesquisa em História**. São Paulo: Contexto, 2020.
- LUCA, Tania Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, (Organizadora.) – 2^a ed., 1^a reimpressão - São Paulo: Contexto, 2008.
- LUCCHESE, Alexandre. **Infinita Highway: uma carona com os Engenheiros do Hawaii**. Caxias do Sul: Belas Artes, 2016.
- MARCELO, Carlos. **Renato Russo: o filho da revolução**. Agir, 2013.
- MATO GROSSO DO SUL (SED/MS). **Curriculum de Referência de Mato Grosso do Sul: Educação Infantil, Ensino Fundamental**. Campo Grande: SED/MS, 2019.
- MATO GROSSO DO SUL. Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul. **Curriculum de Referência do Mato Grosso do Sul**: feito por todos, para todos - Ensino Médio (versão preliminar), 2020. Disponível em: <<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScW4yYbHA4jfuy0JLclNlacjQ63qM-Yk63i8MDUIXZW8BEYbg/closedform>>. Acesso em: 29 jul. 2020.
- MEDEIROS, Jotabê. **Raul Seixas: não diga que a canção está perdida**. Todavia, 2019.
- MORAES J.J. **O que é Música**. 2^o Ed. São Paulo. Editora Brasiliense, 1983.
- MOTTA, Nelson. **Noites tropicais: solos, improvisações e memórias**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- MUGNAINI, Ayrton. **Breve História do Rock Brasileiro**. São Paulo: Claridade, 2007.
- NAPOLITANO, Marco. **Como usar o cinema na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- NAPOLITANO, Marcos. **História e Música: história cultural da música popular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- NAPOLITANO, Marcos. **MPB: a trilha sonora da abertura política (1975-1982)**. In: São Paulo: Revista de Estudos Avançados 24 (69), 2010.
- NAPOLITANO, Marcos. **1964 : História do Regime Militar Brasileiro / Marcos Napolitano**. – São Paulo : Contexto, 2014.
- PAVÃO, Albert. **Rock Brasileiro. 1955-1965**. São Paulo: Edicon, 1989.
- PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **O que é contracultura**. São Paulo: Nova Cultura:

Brasiliense, 1986 (Coleção primeiros passos; 69).

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história.** Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.

RICOEUR, P. **Teoria da interpretação** – o discurso e o excesso de significação. Rio de Janeiro: Edições 70, 1976.

RICOEUR, P. **Du texte à l'action: essais d'hermeneutique II.** Paris: Éditions du Seuil, 1986.

RICOEUR, Paul. **História e verdade.** Trad. F. A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense, 1968.

RUSSO, Renato. **Só por hoje e para sempre:** diário do recomeço. Organização e notas: Leonardo Lichote. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SACRISTÁN, J. Gimeno e Gómez, A. I. Perez; **Compreender e Transformar o Ensino.** Porto Alegre: Artmed, 2000. tradução Ernani F. da Fonseca Rosa — 4. ed. - Artmed, 1998.

SAVIANI, Dermeval. **Educação brasileira** [livro eletrônico]: estrutura e sistema / Dermeval Saviani. – Campinas, SP: Autores Associados, 2018. – (Coleção educação contemporânea)

SCHURMANN, Ernest. 1989. **A música como linguagem – uma abordagem histórica.** Brasília: Brasiliense.

SEVERIANO, Jairo. **Uma história da música popular brasileira: das origens à modernidade.** São Paulo: Editora 34, 2008.

VILLA, Marco Antonio. **Ditadura à brasileira: 1964-1985 - a democracia golpeada à esquerda e à direita.** Leya, 2014.

XAVIER, Fábio Chilles. **O que aconteceu ainda está por vir:** a música “Índios” e o ensino de história do Brasil”. Revista Crítica Educativa (Sorocaba/SP), v. 4, n. 2, p. 164-179, jul./dez.2018.

WILLIAMS, Robin. **Design para quem não é designer:** Noções básicas de planejamento visual. 3. ed. São Paulo: Callis Edições, 2009.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido:** Uma outra história das músicas / José Miguel Wisnik. — 3^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul, 1998.

ZAGURY, Tânia. **O professor refém:** Para pais e professores entenderem por que fracassa a educação no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2006.